



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

MÉRCIA MOURA ALVES DA COSTA

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM VOZES DO DESERTO, DE NÉLIDA PIÑON

CARAÚBAS

2022

MÉRCIA MOURA ALVES DA COSTA

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM VOZES DO DESERTO, DE NÉLIDA PIÑON

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português e suas respectivas literaturas.

Orientador(a): Prof^ª. Ma. Maria do Socorro Souza Silva

CARAÚBAS

2022

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the cataloging data provided by the author.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MÉRCIA MOURA ALVES DA COSTA

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM VOZES DO DESERTO, DE NÉLIDA PIÑON

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português e suas respectivas literaturas.

Defendida em: ____ / ____ / 2 ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Maria do Socorro Souza Silva (UFERSA)
Presidente

Prof. Me. Francisco Gesival Gurgel de Sales (UFERSA)
Membro Examinador

Prof^a. Mnda. Maria Lidiana Costa (PPGL-UERN)
Membro Examinador

À Milton Nunes (In Memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha força e teimosia, que não me deixam desistir mesmo quando nada mais faz sentido na minha vida;

Aos meus amigos por emanarem energias positivas, e por escutarem horas a fio os meus desabafos;

À minha orientadora pela dedicação com a pesquisa e por ser um exemplo de mulher transgressora: ao ser mãe, esposa e professora universitária.

*Quem pode medir o fogo e a violência do
poeta quando capturado e enredado num
corpo de mulher?*

Virgínia Woolf

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como se evidencia a ideia de supremacia masculina, no romance *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon. Contudo, esta pesquisa não abordará apenas o conceito de hierarquização do homem, na figura do Califa, mas também irá refletir sobre a personagem Scherezade como uma mulher que se propõe à transgressão em meio a uma sociedade extremamente religiosa e patriarcal. Possuindo a capacidade de deslocar seu eu da carne, ou seja, do seu corpo físico, Scherezade habita mundos diversos criados pela sua potência narrativa: escapando, dessa forma, das garras do Califa que a mantém presa em seu leito real. Para tanto, é teorizando sobre a constituição social do homem como ser dominante, que refletiremos sobre as transgressões de Scherezade que vive sob um sistema normatizador dos comportamentos femininos. Assim, buscaremos compreender essas noções de dominação masculina a partir dos conceitos propostos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), que entende a dominação como uma estrutura organizada socialmente e, atribui à diferença na anatomia dos corpos o fator responsável pela distribuição das funções sociais para o feminino e masculino. Em conclusão, a pesquisa também discute sobre a habilidade de tecer palavras que será uma das principais armas utilizadas pela protagonista, Scherezade, como forma de resistência e liberdade.

Palavras-chave: Dominação masculina. Transgressão feminina. Diferença biológica. Naturalização social.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze how the idea of male supremacy is evidenced in the novel *Vozes do Desert*, by Nélida Piñon. However, this research will not only address the concept of man's hierarchy, in the figure of the Caliph, but will also reflect on the character Scherezade as a woman who proposes to transgress in the midst of an extremely religious and patriarchal society. Possessing the ability to displace her self from the flesh, that is, from her physical body, Scherezade inhabits different worlds created by her narrative power: thus escaping the grip of the Caliph who keeps her trapped in her royal bed. Therefore, it is by theorizing about the social constitution of man as a dominant being that we will reflect on Scherezade's transgressions, who live under a system that regulates female behavior. Thus, we will seek to understand these notions of male domination from the concepts proposed by the French sociologist Pierre Bourdieu (2012), who understands domination as a socially organized structure and attributes to the difference in the anatomy of bodies the factor responsible for the distribution of social functions for the female and male. In conclusion, the research also discusses the ability to weave words that will be one of the main weapons used by the protagonist, Scherezade, as a form of resistance and freedom.

Keywords: Male domination. Female transgression. Biological difference. Social naturalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. VIVÊNCIA ENTRE MUNDOS: SCHEREZADE TRANSGRESSORA.....	13
1.1. A infância de Scherezade	14
1.2. Dinazarda e Jasmine: as mulheres por trás de Scherezade	18
1.3. Transfigurações de Scherezade	20
1.4. Embate entre a imaginação e a tirania	22
2. O CALIFA: E A REPRESENTAÇÃO DA SUPREMACIA MASCULINA	25
2.1. O Califa enquanto sujeito dominante mediante sua condição estatal.....	25
2.2. O Califa e a dominação para com o feminino	29
3. A DOMINAÇÃO MASCULINA E AS RELAÇÕES SEXUAIS	37
3.1. A dominação diante da cópula entre o Califa e Scherezade	37
3.2. A vulva e o falo: as representações de passivo e ativo	43
3.3. A violência simbólica	48
3.4. O Sexismo e a cultura árabe presente na narrativa de <i>Vozes do deserto</i>	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	60

INTRODUÇÃO

Para Pierre Bourdieu (2012), a noção de oposição entre masculino e feminino tem como fundamento favorável o processo de naturalização social – encontrando suporte na diferença biológica para provar a distinção entre os sujeitos, ocorre um movimento de hierarquização entre as figuras, em que o homem é dito como superior enquanto a mulher passa por um sistema de inferiorização. Portanto ocorrendo o processo de dominação masculina.

Em alguns trabalhos acadêmicos, Bourdieu é convocado para embasar as discussões no que concerne a ideia de supremacia masculina e, como esse conceito acaba influenciando na divisão do trabalho e concedendo a mulher cargos menores/inferiores. No artigo *Da submissão à transgressão: implicações dos papéis sociais na escrita feminina*, das autoras Araújo e Lima (2021), verifica-se uma análise das situações e padronizações ocorridas devido aos papéis sociais destinados à figura feminina, especialmente, no ofício da escrita. Em sua obra *A dominação masculina*, Bourdieu (2012) teoriza como essas distinções entre homem e mulher foram organizadas e estruturadas socialmente.

Assim, o presente estudo aborda e discute o aspecto dominante proposto pelo sociólogo Bourdieu, a partir da obra literária *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon - que recria o universo árabe nos trazendo uma personagem feminina, Scherezade, que propõe atos de transgressão em meio a uma sociedade controlada pelo poder patriarcal. É mediante esse cenário que nossa pesquisa se sucederá, tentando responder o seguinte questionamento: de que maneira a obra *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon, partindo de uma narrativa que se propõe a demonstrar as transgressões de uma mulher, em meio a uma cultura pautada na educação religiosa e sob um sistema institucionalizante, evidencia as noções de supremacia e controle masculino?

Para tanto, estabelecemos alguns objetivos que servirão de guia para o nosso estudo, averiguando alguns pontos centrais da obra, na qual demonstramos como a personagem Scherezade se qualifica como uma mulher transgressora; elucidamos também como o personagem Califa é fruto de um sistema que lhe concede exercer as mais variadas formas de dominação; e estabelecemos as relações entre as formas de dominação exercidas pelo Califa e os modos como Scherezade encontra para escapar.

À vista disso, a pesquisa justifica-se, primeiro, pela necessidade de se discutir as noções de dominação masculina que foram enraizadas e naturalizadas pelo social. Em

segundo plano, contribuir na maneira como se constitui e se institui o sistema patriarcal na sociedade, assim, fundamentamos o debate sobre como a figura feminina é a principal vítima dessa institucionalização e dominação que cerceia os corpos.

Por conseguinte, o estudo em questão se faz necessário por suscitar discussões que afluem na obra literária e estabelecer diálogos com outros conceitos, trazendo grandes contribuições para o social. Ademais, ao partirmos de uma obra de autoria feminina - de uma das mais notáveis vozes da contemporaneidade brasileira, Nélda Piñon - a pesquisa se torna significativa por ser através de uma narrativa feminil que temos acesso as construções de poder que normatizam o papel da mulher enquanto sujeito social.

Assim, cifrando-se como uma das grandes vozes literárias que constitui o cenário contemporâneo brasileiro de literatura, Nélda Piñon tornou-se a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1997. Ganhou vários prêmios literários como: Prêmio Walmap com o romance “Fundador” (1970); Ficção Pen Clube com a obra “A República dos Sonhos” (1985); e com o texto intitulado *Vozes do deserto*, publicado pela primeira vez em 2004, a escritora obteve o prêmio Jabuti, como o melhor romance de ficção do ano 2005.

Ao rememorar o clássico “As mil e uma noites”, na escrita da obra *Vozes do deserto*, Nélda Piñon não está fazendo apenas uma mera releitura do texto árabe, mas sim nos inserindo dentro da subjetividade das personagens – em especial, a autora nos convida a conhecer a intimidade da personagem Scherezade: seus medos, dramas, incertezas, peculiaridades. No clássico árabe, o foco narrativo se detém nas histórias que Scherezade conta para o Califa, na tentativa de ludibriar o monarca de Bagdá e conseguir sobreviver a mais um dia.

Já em *Vozes do deserto*, somos postos diante da individualidade de uma figura feminina que se propõe a transgredir em meio a uma cultura extremamente religiosa e institucional: Bagdá é governada pelo Califa, representante da grei abássida, que comanda o califado por gerações; homem austero que após ter sido traído pela esposa, criou um decreto que consistia no fato dele poder desposar, a cada noite, uma jovem do reino e, no dia seguinte mandá-la para o cadafalso, numa tentativa de vingança pela humilhação sofrida.

Posto isto, a presente pesquisa é um estudo bibliográfico de cunho qualitativo que visa abordar os textos a partir de uma interpretação crítica. Com isso, busca-se em primeira instância fazer uma análise da personagem Scherezade a partir do viés da transgressão – traçando uma discussão sobre seus primeiros contatos, ocorrida ainda na infância, com uma das artes mais antigas do mundo, a arte de narrar. Além disso, discutimos como ela, diante de

um cenário de completa vassalagem a uma figura “maior”, o monarca de Bagdá, consegue driblar as situações e convencê-lo a lhe ceder mais um dia de vida, em uma luta diária pela sobrevivência. Ademais, a partir dessa figura feminina verificamos que mudanças ocorreram dentro do califado e, se seu ato de coragem transfigurou ou modificou algo em um ser nascido, construído e entendido para ser uma figura inabalável.

Após refletirmos sobre a contadora de histórias, discutiremos o perfil masculino enquanto aspecto dominante, utilizando o personagem Califa como representante dessa categoria. Para isso, partimos dos conceitos propostos por Bourdieu (2012), para discutirmos a ideia de supremacia entre os seres, em que uma figura (o homem) é elevada a categoria superior enquanto a outra (a mulher) é rebaixada e inferiorizada. Tudo isso tendo sustentação na diferença anatômica dos órgãos sexuais, que compele aos seres uma diferenciação tanto corporal quanto social.

Em última instância, o diálogo aqui posto perpassa por outros campos de discussões, como as relações sexuais e as formas de controle. Para tanto, examinamos como se estabelecem essas formas de dominação sexual diante da cópula praticada entre as personagens Califa e Scherezade: o sexo mecanizado realizado entre ambos explanando, de um lado, o heroísmo de uma mulher que se sacrifica em prol de outras jovens, por outro lado, o autoritarismo de um homem, soberano de um povo, que se sentindo humilhado pela traição da esposa, resolveu desposar e matar uma mulher por dia, tentando desse modo, aliviar a desonra infringida pela antiga rainha. Com isso, elucidamos como essas construções de poder se concebem e como se materializam dentro do corpo textual literário.

1. VIVÊNCIA ENTRE MUNDOS: SCHEREZADE TRANSGRESSORA

O presente capítulo - tenciona traçar a evolução da personagem Scherezade, partindo dos primeiros ensinamentos ocorridos em sua infância sob a vigília da ama Fátima, descrevendo todos os átomos de transgressão realizados por ela, por intermédio de uma das artes mais antigas do mundo, a arte de narrar histórias. Para tanto, utilizamos as reflexões de Eliane Campello (2019) e Boso (2011) acerca da arte de narrar e da memória como arcabouço literário que registra todos os picos imaginários da protagonista. Ademais abordamos o embate entre a imaginação de Scherezade e a tirania do Califa e, como a contadora se institui como um ser plural, conseguindo deslocar a sua identidade do seu corpo, tudo isso sendo possível graças ao poder da palavra.

1.1. A infância de Scherezade

Para tratarmos a respeito de Scherezade, uma mulher educada, inteligente e refinada; primeiro se faz necessário nos transportar para a sua infância, para compreendermos que moldes ou que mãos modelaram essa mulher que nos é tão cara.

Filha do Vizir, braço direito do monarca de Bagdá, Scherezade nasceu em “berço de ouro”, teve uma educação esmerada com os grandes mestres do califado que foram seus professores, tendo ela acesso, desde cedo, a grandes textos traduzidos do grego para o árabe que seus mestres a disponibilizavam. Além disso, “os mestres de Bagdá, convocados para esta missão, amanheciam diariamente no palácio, só deixando Scherezade ao anoitecer” (PIÑON, 2008, p. 102). Durante toda a sua infância e juventude Scherezade estava cercada de conhecimentos que eram destinados unicamente aos homens, assim, a sua educação é uma educação masculina, pois só os homens tinham tal privilégio. Porém, por ser filha de um homem poderoso, ela teve o sortilégio de ser educada de igual modo.

Dentre os seus mestres encontramos uma mulher, Fátima, porém o conhecimento desta não é provindo dos grandes centros de estudos de Bagdá, seu conhecimento é fruto do contato direto com os contos orais que são perpassados de boca em boca pela camada pobre do povo. Fátima era uma escrava do palácio e ama de Scherezade, e com a morte da mãe da princesa, ela ficou responsável pela criação daquele ser, e, assim, “ensinara-lhe a contar histórias” (PIÑON, 2008, p. 03).

Scherezade desde pequena dava mostras do seu dom de contar narrativas, dom esse que herdou de sua mãe. Quando criança fabulava histórias sobre o cotidiano da classe humilde

de Bagdá e tomava conhecimento a respeito de lendas e outros registros espalhados pelo califado. Sua família ficava encantada com a facilidade que ela demonstrava ao narrar esses contos e como conseguia acumular todos aqueles relatos em sua memória. “Scherezade tem o verbo fácil. As palavras, formando um amálgama inquebrantável, vão servindo como que de escudo para os personagens a desfilar em frente do soberano” (PIÑON, 2008, p. 19). Em Scherezade existe uma das artes mais antigas do mundo, a arte de contar histórias.

Conforme aponta Eliane Campello (2019) em seu artigo *A metáfora da resistência em Vozes do deserto, de Nélide Piñon*, um dos atos de resistência da protagonista da obra nelidiana é “o fato de ela ter a condição de mergulhar ‘na memória arcaica’ e apontar para o seu lugar de origem árabe – Bagdá” (CAMPELLO, 2019, p. 221). Isso porque, no decorrer da narrativa, a memória será uma grande aliada de Scherezade, pois é com base em tudo que aprendeu e acumulou durante os anos, que ela cria um repertório vasto que será apresentado e utilizado como arma contra o Califa.

Ainda segundo Eliane Campello (2019), a arte de narrar de Scherezade, ou seja, a construção de suas histórias é entendida como uma espécie de “bricolagem artística”, que, conforme a autora, compreende-se como “o estabelecimento de semelhanças entre condições naturais e sociais, e tido como o único meio de sobrevivência de Scherezade, isto é, baseado na arte de criar um tapete de palavras entrelaçadas” (CAMPELLO, 2019, p. 218). Durante sua infância, Scherezade já brincava com as palavras, possuía um talento admirável para criar e utilizava isso como finalidade recreativa: para entreter a sua família e se abstrair das horas de tédio que enfrentava debaixo do teto do palácio. Nesse sentido, a protagonista se enquadra no perfil de uma tecelã, visto que ela vai entrelaçando os fios narrativos das histórias e tecendo uma trama/armadilha contra o Califa.

Ademais, no que concerne à figura da ama Fátima, essa auxiliou Scherezade a entender e compreender o mundo árabe, explicando-lhe detalhadamente como se constituía a geografia do cenário de Bagdá, já que Scherezade era proibida de sair das dependências do palácio, tendo apenas acesso aos jardins, onde esse servia de palco para as suas reflexões. Para além disso, Fátima ajudou Scherezade a conhecer, pela primeira vez, o cenário de suas histórias, transfigurando-a em menino para que a jovem princesa não fosse reconhecida e nem repreendida pelos habitantes de Bagdá, e muito menos impedida pelo Vizir:

Scherezade já não podia mais esperar. Chegara a hora de romper as amarras, de visitar o mercado. Também Fátima já não tinha como prorrogar esta decisão. Assim, antes de se dirigirem ao centro de Bagdá, ela cuidou de impedir que o Vizir descobrisse o grave delito. Para apagar em Scherezade as marcas da procedência nobre, a fez passar por um rapaz imberbe, de complexão delicada. Operando nela tal

transfiguração que Scherezade, confrontada com um disfarce a realçar-lhe a ambiguidade, já não sabia, ao final, quem era, a que nome atender. Um dilema que, se a perturbava, fazia a ama rir. Orgulhosa de um trabalho que se opunha ao corpo original da adolescente e disfarçava-lhe o sexo, Fátima mostrou-lhe, com exemplos concretos, as vantagens de experimentar o prazer de ser menina e menino ao mesmo tempo (PIÑON, 2008, p. 140)

Nessa transcrição do texto literário, visualizamos uma transgressão de Scherezade ocorrida ainda na infância: desobedecendo as ordens do pai, o poderoso Vizir, ela, com a ajuda da ama, transfigura-se em menino para poder conhecer o lugar onde habitava. Além do mais, esse processo de transformação vivenciado pela protagonista a deixa em um estado de completa agitação, pois habitando essa nova identidade ela já não sabia “quem era, a que nome atender”.

Essa transfiguração foi um processo que possibilitou Scherezade a habitar dois corpos diferentes anatomicamente e, além disso, a fez conhecer um pouco sobre o universo masculino e que vantagens e experiências ela poderia experimentar ao se transfigurar em menino. Dessa forma, a protagonista foi moldada pelos mais sábios mestres e mestras, pois não vamos esquecer que é Fátima quem induz Scherezade a cometer uma de suas primeiras transgressões, com isso, podemos compreender a ama como uma mulher também transgressora, já que ela, enquanto escrava do Vizir, burla a sua autoridade e leva a filha desse poderoso homem para as vielas mais pobres de Bagdá, onde se encontram os charlatões, mercadores, encantadores de serpentes, etc.

Assim, Scherezade vai se configurando como uma mulher diferente das demais do califado, ela habita corpos e mundos distintos, sua imaginação repleta de seres fantásticos como: ladrões, marinheiros, gênios da lâmpada, torna-se um mundo livre, onírico, que ela pode residir sempre que se sentir enfadonha ou exausta de ver a forma como os homens conduzem aquele reino e, principalmente, como os súditos são tratados.

No que concerne à personagem Scherezade nelidiana, Boso (2011) tece as seguintes palavras: “há na personagem, um imaginário inesgotável que vitaliza, dissemina, ressemantiza imagens, criando paradigmas e diretrizes que se fortalecem na estruturação de sua condição de mulher ativa no mundo” (BOSO, 2011, p. 98). Esse pensamento de Boso refere-se ao arcabouço narrativo da contadora, um universo inesgotável de lendas, contos e outros registros, além disso, esse imaginário também representa inúmeras outras vozes, que compartilham o mesmo sentimento de Scherezade, enquanto mulher árabe, vivendo sob um sistema de forte vigilância.

Ademais, é mediante a forma como o Califa conduz o reino, a sua indiferença em relação às mulheres e o decreto de morte que paira sobre todas as donzelas, que Scherezade decide desafiar e por fim a tirania desse homem. Pois “Scherezade não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio da sua imaginação” (PIÑON, 2008, p. 02). Scherezade não acredita que o Califa consiga pôr fim a sua imaginação, logo decide travar uma batalha contra o tirano, já que acredita que sua morte não será decretada.

Por conseguinte, Scherezade em uma atitude heroica, resolve ir ao palácio do monarca e se apresentar como uma donzela que quer se tornar esposa do soberano, numa tentativa de parar com as mortes que se sucediam:

Tenta convencer o pai de ser a única capaz de interromper a sequência das mortes dadas às donzelas do reino. Não suporta ver o triunfo do mal que se estampa no rosto do Califa. Quer opor-se à desdita que atinge os lares de Bagdá e arredores, oferecendo-se ao soberano em sedicioso holocausto (PIÑON, 2008, p. 02)

Confiando-se em seu talento de fabular histórias, Scherezade, heroicamente, vai ao encontro do sultão e, oferece-se como mais uma vítima ao holocausto. O Califa ao deter sua mirada diante daquela mulher delicada, casta, mal sabe todo o ardil que ela trama: Scherezade planeja envolver o monarca em suas narrativas, quer com isso despertar o interesse dele para as histórias que conta, aproximá-lo um pouco dos seus personagens e levá-lo a uma viagem onírica pelas vielas de Bagdá, onde se encontra os seus súditos. Para além disso, ela também pretende fazer a travessia dos muros de Bagdá e levar o soberano a conhecer outras culturas, principalmente a cultura dos povos que vivem no deserto, tudo isso através dos seus relatos, sem sair, fisicamente, do palácio.

Dessa forma, ela se casa com o soberano e põe em prática o seu plano de acabar com os assassinatos utilizando, como já sinalizado anteriormente, um repertório vasto de histórias originárias das vielas de Bagdá para ser apresentado ao monarca. A arte de narrar será a grande arma de Scherezade contra a tirania do Califa.

Assim, tornando-se esposa do soberano, a contadora de histórias imediatamente vai para os aposentos reais, que se configura, a partir daquele momento, como o seu cativeiro. Ela está totalmente proibida de sair dali; sua irmã Dinazarda que fazia parte do seu cortejo é a sua companhia diária, assim como a escrava Jasmine que foi designada para servir as irmãs. É entre as paredes que constitui essa alcova que o Califa exerce a sua dominação para com a sua mais jovem esposa, Scherezade.

Confinada aos aposentos, Scherezade está impedida de circular pelo palácio, pelos jardins, e seu futuro já foi traçado pelo soberano: à noite o casamento será consumado a partir da cópula entre ambos, pela manhã o verdugo a esperará para ser cumprida a proclamação do Califa, e a sua vingança ser efetuada por mais um dia. Naqueles aposentos “as filhas do Vizir alimentam-se frugalmente. Testemunhas da realidade faustosa, abraçam-se contristadas, evitando mencionar entre elas a palavra fatídica que ao amanhecer transportaria Scherezade ao cadafalso” (PIÑON, 2008, p. 06).

A dominação praticada por esse personagem vai muito além da dominação física, a simples menção do nome do monarca, em muitos momentos da narrativa, já é o bastante para fazer os outros personagens se retraírem, assim como a sua palavra nunca é desobedecida. A sua presença causa tanto nos súditos, como nas jovens esposas, um medo aterrorizante, que paralisa, retrai, modera as ações do outro.

Então, Scherezade mediante esse cenário, não está preocupada apenas em livrar-se da morte pré-datada, mas também se preocupa com a aproximação, o contato com o Califa: logo mais ao cair da noite estarão face a face, e esse fato a estremece. Questiona-se como irá despertar o interesse daquele homem autoritário para suas narrativas que requerem atenção e certa dose de sensibilidade para serem sentidas e apreciadas. Debruça-se sobre vários pensamentos, acerca de como atraí-lo para sua teia narrativa, como fazer para que ele detenha a sua mirada sobre ela e atente-se para as suas histórias.

Assim, é a partir da figura do Califa e das mulheres presentes na narrativa nelidiana que elucidamos os conceitos propostos por Pierre Bourdieu (2012), a respeito da hierarquização social da figura masculina em detrimento da figura feminina. O homem passa a desempenhar a postura de dominador que lhe foi socialmente conferida e, a mulher, na posição de subalterna, efetua a sua submissão metodicamente.

1.2. Dinazarda e Jasmine: as mulheres por trás de Scherezade

Para conseguir efetuar o seu plano com êxito, Scherezade conta com a ajuda da sua irmã Dinazarda, ela faz parte do seu cortejo quando ambas as irmãs se dirigem ao palácio do Califa, em um momento de sacrifício em prol das donzelas do reino.

Dinazarda é astuta, mas, diferentemente de Scherezade, ela não tem o dom de narrar, porém tem o poder de persuadir. Ela atua como uma voz fundamental na narrativa, pois, com a sua forma persuasiva – já que aprendera com o pai as mais diversas formas de convencimento e administração, após as núpcias do recente casal, Dinazarda abre caminho

para as narrativas de Scherezade, induzindo o Califa a ouvir uma história da sua jovem esposa, sabendo que logo mais a mandará para o cadafalso, ele aceita sem muitos protestos.

Além de atuar como uma espécie de porta-voz entre o Califa e Scherezade, Dinazarda também cumpre a tarefa de acordar e preparar a irmã para o cerimonial de cópula, escolhendo as vestimentas e as joias que a irmã irá usar a cada noite. Dinazarda se atenta em criar um ambiente lúdico e sensual que ajude Scherezade a prender e avivar o interesse e a atenção total do Califa.

Apesar disso, Dinazarda “arrepende-se da promessa feita à irmã, mas não pode falhar em cumprir a missão de despertar a sonolenta Scherezade após a cópula e convencer o soberano da necessidade de ouvir a história da irmã antes de ordenar sua decapitação” (PIÑON, 2008, p. 11). O destino de Scherezade depende tanto da sua habilidade de engendrar histórias como do seu poder de persuasão, caso uma dessas capacidades falhe significaria a morte.

Nesse contexto, o uso da palavra como arma de persuasão ou como dom de encantar é tema presente na narrativa. É por meio da palavra que tanto Scherezade como Dinazarda conseguem tecer e sustentar a grande teia para “aprisionar” o Califa, além disso, a palavra como persuasão e como narração garante a vida de ambas às irmãs.

A palavra, nesse cenário narrativo, também atua para dar vez e voz a uma figura quase inexistente aos olhos do Califa, a escrava Jasmine. Ela serve ao soberano há muito tempo, porém “o Califa mal olha Jasmine, não lhe dá importância. Ignora que ela traz no regaço mistérios típicos da nação que governa” (PIÑON, 2008, p. 79).

A partir do momento em que Jasmine começa a servir as irmãs e a participar dos momentos de contação de histórias, ela começa a se conhecer e a se identificar com as personagens de Scherezade, principalmente quando as narrativas são voltadas para os nômades do deserto, para a nação beduína. Nesse momento, um processo de autoconhecimento começa a se instalar no íntimo de Jasmine e ela se reconhece, cada vez mais, nesses personagens, inspira-se em Scherezade e sonha conseguir um dia ocupar o seu lugar como contadora de histórias, o que de fato acontece quando Scherezade prepara Jasmine para substituí-la como contadora e Dinazarda para ocupar o seu lugar na cama com o Califa.

Ambas as personagens aqui retratadas, Dinazarda e Jasmine, são fundamentais no processo de “aprisionamento” do Califa aos relatos de Scherezade. Elas auxiliam Scherezade em sua farsa, são responsáveis pelo bom funcionamento da trama e, além disso, do próprio bem-estar da protagonista. A respeito das personagens femininas da obra *Vozes do deserto*, Boso (2011) discorre o seguinte:

As personagens femininas piñonianas se fundem, se complementam e tendem a eternizar-se como as sequências das histórias, ou melhor, a Scherezade que herdara o dom de narrar da mãe se perpetua nesta figura já falecida que, posteriormente, se perpetua na ama de criação Fátima que, apesar de ausente, era exímia contadora de histórias (BOSO, 2011, p. 139-140)

Boso (2011) nos descreve sobre a perpetuação do dom de narrar histórias que perdura nas personagens femininas nelidiana, tendo início na mãe das princesas, depois na ama Fátima, logo em seguida em Scherezade e, por fim, esse mesmo dom chega até a escrava Jasmine que passa por um processo de identificação. Ela sai de uma posição de subserviência e sobe a categoria de narradora, tendo sua voz ouvida e contemplada pelo Califa.

Na constituição desse processo, Jasmine ia se configurando como contadora à medida que observava Scherezade e cumpria as ordens de Dinazarda que a encarregava de coletar, pela Medina, histórias do povo árabe, interesse principal do soberano. Nessas andanças pelos corredores de Bagdá Jasmine construía, geograficamente, o cenário do lugar, tendo como apoio as descrições narradas por Scherezade. Desse modo, ela preparava ensejo literário tanto para Scherezade como para si mesma, construindo o seu próprio arcabouço de histórias.

Com isso, afirmamos que ambas as mulheres, Jasmine e Dinazarda, são extremamente importantes para o prorrogamento da vida de Scherezade, classificando-se, de certo modo, como uma extensão da contadora.

1.3. Transfigurações de Scherezade

Durante os momentos de contação de histórias, a protagonista, Scherezade, vivencia alguns processos de transfiguração, e isso se dá devido a sua capacidade de subversão do corpo, não se limitando a uma única identidade. Para entendermos esse processo de transfiguração, vamos fazer uso de uma outra terminologia que melhor nos auxilie na explicação desse processo, assim, “metamorfose” será também um dos termos aqui utilizados para descrever as transfigurações sofridas por Scherezade.

Para tanto, cabe aqui informar que durante a verbalização de suas histórias, a contadora consegue assumir a identidade do ser que está descrevendo, seja ele homem ou mulher. “Seu corpo absorve em igual intensidade as proporções de cada qual. Lateja, pulsa, incha, cresce, endurece, segundo a anatomia que representa nos seus relatos” (PIÑON, 2008, p. 275). Ela consegue sentir e vivenciar tanto as sensações masculinas como femininas, está livre das amarras postas socialmente e não se limita à exclusividade de ser mulher.

Além de divisar entre mundos, Scherezade consegue sentir os seres que descreve e, isso nos remete a sua infância quando travestida de menino “já não sabia, ao final, quem era, a que nome atender” (PIÑON, 2008, p. 140). Esse processo de metamorfose já vinha acontecendo desde a sua meninice, diferenciando-a das demais mulheres que compunham o reino.

Boso (2011) destaca que esse processo de metamorfose vivenciado por Scherezade se configura como uma espécie de resistência na sua luta diária por mais um dia de vida, assim, conforme a autora “a luta pela sobrevivência é comovente e mostra a trajetória sufocante dessa mulher na vida cotidiana, que acaba por integrar, no próprio ser, uma comunhão de opostos feminino e masculino para atenuar o sofrimento do corpo e da alma [...]” (BOSO, 2011, p. 80). Por intermédio dessa metamorfose sofrida pela personagem, ela consegue sobreviver a mais um dia nas mãos do Califa, e, esse processo de integração com os personagens que narra é um dos fatores que a faz ser tão sedutora, enquanto narradora aos olhos do Califa. Além disso, é um meio de libertar-se da presença odiosa do soberano.

Em vários momentos, durante o processo de contação, Scherezade clama para que seus personagens assumam o rumo da história que está narrando, que venham defendê-la e livrá-la do fardo constante de narrar. É nesses momentos de súplica e desespero que ela se vê amparada por seus personagens, além disso, as transfigurações vivenciadas pela contadora atuam para a compreensão da jovem princesa acerca dos seres. Assim, Scherezade “assume ao mesmo tempo a condição masculina e feminina com o intuito de compreender a dimensão desses seres imortais” (PIÑON, 2008, p. 197).

Além disso, Scherezade não vive sob os ditames estabelecidos pela religião, afastara-se a muito desses princípios em prol dos seus personagens:

Scherezade, porém, não vive na esfera da fé. Para sua natureza inconformada, a religião não constitui uma vocação. Ao contrário, centrada na banalidade do cotidiano, há muito afastara-se do plano divino, a pretexto de lançar-se à fúria dos personagens que lhe desgovernam a imaginação. À simples ideia de nada lhe apaziguar o espírito além de suas criaturas, ela sorri, consente que Jasmine de novo se aproxime, faça-lhe companhia (PIÑON, 2008, p. 85)

Portanto, Scherezade vai se constituindo como uma personagem plural, dona de uma variedade de identidades que se afirmam durante o momento de contação de histórias, identidades essas que, de certo modo, vêm à tona para salvá-la e lhe conferir mais uma manhã.

1.4. Embate entre a imaginação e a tirania

Ao longo da narrativa de *Vozes do deserto*, somos postos diante de um embate entre a imaginação que se configura na imagem de Scherezade e a tirania representada pelo Califa.

Como sinalizado anteriormente, Scherezade se utiliza da linguagem, do seu dom de contadora para tecer uma trama contra o Califa, ela deseja enlaçá-lo em seus enredos, prender sua atenção e transformá-lo em seu “prisioneiro”, ou seja, tornar o Califa dependente de suas narrativas. Apesar do uso da linguagem na narrativa, Boso (2011) relata que:

É através da linguagem que a personagem assume todo o poder da situação, propiciando a imposição de uma outra realidade para si e para o outro, num processo revolucionário para reafirmar-se no tempo e no espaço enquanto mulher e com uma voz que ecoa nos lugares mais longínquos, visando ao seu reconhecimento, autonomia e liberdade (BOSO, 2011, p. 155)

A linguagem propicia a criação de mundos fantasiosos, para onde Scherezade transporta o Califa a cada noite que se segue. É diante das histórias fabuladas que o Califa consegue viajar pelo universo, ou melhor, pelos universos de Scherezade. Em muitos momentos da narrativa ele tenta alcançá-la, mas sem êxito.

A voz de Scherezade ecoa pelos mais distintos lugares, principalmente pelo deserto, através da linguagem ela afirma sua identidade, muda a realidade a sua volta, e, a utiliza como sua principal “arma de salvação”, já que a linguagem também servirá de escudo para se proteger contra o Califa. Apesar da voz Paul Zumthor (2007) *apud* Coelho (2008, p. 47) declara que:

[...] a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem do seu corpo (ZUMTHOR, 2007, p. 80-84 *apud* COELHO, 2008, p. 47)

Scherezade viaja pelos mais diversos mundos através de sua narração, ela consegue se esvair do seu corpo e habitar mundos e corpos distintos, não se reduzindo a uma única identidade, sua voz ecoa, rompe as barreiras da dominação e ela se afirma como um ser plural.

Nesse sentido e em conformidade com o pensamento de Paul Zumthor, Scherezade se esvazia, desloca o seu ser da clausura do corpo - em muitos momentos da narrativa podemos visualizar como a contadora consegue fazer esse deslocamento, pois “alheia aos conflitos da escrava, Scherezade já não se encontra entre elas, simplesmente imergira em uma zona proibida, que há muito frequenta. Distante dos atos comuns, ela rega palavras, ativa a

imaginação” (PIÑON, 2008, p. 49). Scherezade se desprende do seu corpo, da sua carne, e viaja para lugares que jamais poderia ir estando presa ao Califa, alimentando a sua imaginação e aumentando o seu repertório verbal.

Assim, a maior arma de Scherezade contra o Califa é o seu poder narrativo, já que ela consegue deslocá-lo do plano real e o conduzir pelos seus universos oníricos, deixando-o em um estado de devaneio temporário, pois logo que se percebe nessa condição, ele retorna a sua posição fixada de chefe de Estado.

Ademais, durante a narrativa, o Califa vai se tornando cada vez mais dependente das histórias de Scherezade, pois “o fato é que o desencanto do Califa com as tramas da corte acentuara-se após Scherezade submetê-lo aos efeitos voluptuosos de seus relatos” (PIÑON, 2008, p. 106). A partir desse desinteresse do personagem pelos assuntos relacionados ao seu califado, começa a ocorrer nele um processo de civilização, porque as histórias de Scherezade ao mesmo tempo em que afastam a atenção do Califa dos assuntos da corte, também iniciam um processo de humanização.

Porém, à medida que esse processo vai se efetuando no íntimo do soberano, para a contadora “cada noite torna-se mais penoso defender a vida e a história” (PIÑON, 2008, p. 109). O ato de narrar vai se tornando cada vez mais um fardo para Scherezade, ela narra com a finalidade única de defender a sua vida, trava uma batalha diária com o monarca, em que sai vencedora, mas a que custo? Em muitos momentos reflete se já não estaria ela morta vivendo confinada nos aposentos daquele homem.

A exímia narradora sai a catar pelos aposentos reais um tecido, uma fruta, o sol que atravessa os vitrais da janela em arco, a poeira trazida pelas tempestades de areia: recolhendo esse material com a intenção de montar uma história para ser apresentada ao Califa. Seu material literário começa a ficar escasso e o embate entre vida e morte torna-se cada vez mais penoso para ela, porém “é, aliás, em nome de tudo que a devora por dentro que sai a catar frases, motes, os artifícios narrativos que lhe conservem a vida até a manhã seguinte” (PIÑON, 2008, p. 23). Scherezade encontra-se em uma luta diária pela sobrevivência e qualquer falha sua constituiria a vitória do Califa e, como consequência dos seus atos, sua morte.

É importante salientarmos que as histórias de Scherezade na obra *Vozes do deserto* são elevadas a segundo plano, o foco narrativo recai na figura da contadora de histórias e não nas narrativas que ela verbaliza. As histórias, como bem descreve Boso (2011), vão funcionar como uma espécie de cárcere para o Califa, atuam com a finalidade única de atrair a atenção

do soberano, livrá-lo da imagem grotesca da Sultana copulando com o escravo africano, e afastar a morte que paira sobre a cabeça da protagonista.

Ademais, a despeito de Scherezade, o que a motiva a continuar a batalha contra o Califa é o fato de conseguir ter a plena certeza que ele irá parar com a matança das jovens donzelas, além disso, tendo o poder de divisar entre mundos, Scherezade consegue se manter firme em seu propósito:

Quando se pergunta por que narra, hesita na resposta, e não lhe importa. Sabe apenas, até o momento, que narra com o intuito de afugentar a sombra das futuras vítimas do vingativo Califa projetada na plataforma, onde o cadafalso destaca-se, imponente (PIÑON, 2008, p. 208)

O desfecho desse embate entre as personagens, Scherezade e Califa, se dá com a vitória da contadora. Além de conseguir parar com os assassinatos, ela foge das garras do Califa e lança-se pelo deserto a fim de encontrar a sua antiga ama Fátima.

A fuga da protagonista, como bem destaca Eliane Campello (2019), é um ato de extrema ousadia, principalmente vindo de uma mulher que vive sob os paradigmas estatais em que ela se encontra. A fuga se configura como uma ação de resistência pela vida e por sua identidade enquanto mulher árabe contadora de histórias.

Scherezade é uma mulher ousada que se valeu do uso da palavra para enfrentar o homem mais poderoso do contexto árabe, seus estratagemas não se equivalem de força física ou violência, ela utiliza a palavra como arma, como escudo protetor, como afirmação de sua identidade, como meio de quebra da dominação masculina e a afirmação do ser mulher para essa sociedade patriarcal.

Desse modo, podemos afirmar que a fuga da contadora de histórias se estabelece como uma espécie de libertação do poder patriarcal, já que “Scherezade é construída em resposta à sociedade machista e patriarcal representada pelo poder do Califa” (COELHO, 2008, p. 55). Assim, a Scherezade nelidiana é símbolo de resistência, ousadia e liberdade: já que em meio a um cenário de completo controle, ela consegue, a todo momento, transpor-se fora daquela realidade aterrorizante e autoritária.

2. O CALIFA: E A REPRESENTAÇÃO DA SUPREMACIA MASCULINA

Neste capítulo fazemos uma análise do personagem Califa da obra *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon, sob o viés da representação masculina enquanto aspecto dominante. Esse controle vai estar relacionado às figuras do Vizir e demais súditos, às favoritas e em especial a Jasmine. Ademais, também se estendendo diante das figuras femininas.

Para isso, este estudo assume como aporte teórico as discussões pautadas na obra de Pierre Bourdieu (2012) – que discute a ideia de supremacia partindo da oposição entre feminino e masculino. Assim, nesse primeiro momento, elencamos três pontos centrais que norteiam a discussão: o primeiro deles se dá a partir da análise do personagem Califa como sujeito dominante mediante a sua posição enquanto chefe de Estado. Em seguida, analisamos como se institui as relações de dominação do Califa para com os demais sujeitos que compõem o califado e, em última instância, abordaremos o controle marital.

2.1. O Califa enquanto sujeito dominante mediante sua condição estatal

Conceituar e demarcar em uma sequência cronológica como transcorreu a construção da masculinidade é uma tarefa minuciosa e complexa. Para entendermos como ocorreu essa construção, partimos da compreensão de Pierre Bourdieu (2012), que discute em seu livro *A Dominação Masculina*, em especial no primeiro capítulo dessa obra, acerca do modo como se estabelece o conceito de masculinidade – em que, partindo da diferença biológica entre homem e mulher, delineia uma série de diferenças entre esses seres, que resulta na ideia de supremacia de um sexo em detrimento a outro. Diferença essa que se estende até os campos de atuação desses indivíduos enquanto sujeitos sociais.

Bourdieu (2012) discute a masculinidade a partir da noção de oposição entre os sexos, ou seja, entre o masculino e o feminino¹. O corpo é socialmente sexualizado e revestido de “significações sociais”, o que acarreta em um jogo de metáforas e posicionamentos em relação aos movimentos de antítese do corpo, que constituem em oposições como: subir/descer, na frente/atrás, fora/dentro, alto/baixo etc. Assim, Bourdieu (2012) nos fala que:

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como diferenças de natureza, inscritas na objetividade [...] contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparências. (BOURDIEU, 2012, p. 16)

¹ Ver o esquema sinóptico das oposições pertinentes proposto por Pierre Bourdieu (2012, p. 19).

À vista disso, essas oposições são tidas como semelhantes e são naturalizadas pelo social, assim, não teria como se pensar em uma noção de dominação de um sexo em relação ao outro. Porém, essas relações de dominação são percebidas a partir do papel social que cada sujeito desempenha: aos homens são destinados os espaços públicos, enquanto que para as mulheres são atribuídos os espaços privados.

É mediante a esses conceitos propostos por Pierre Bourdieu (2012) acerca do construto social sobre a figura masculina, que faremos uma associação dessas concepções com o personagem Califa, da obra *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon. O Califa, na condição de soberano de Bagdá, remete-nos a um perfil um tanto anacrônico, no sentido de que a sua posição enquanto tal requer o cumprimento, incontestável, das leis que regem o seu califado. Assim, sua fidelidade aos costumes do seu povo deve ser vista e tomada como exemplo, fidedigno, a ser seguido, ou seja, esse tom arcaico a que aludimos ao perfil do Califa está associado justamente à tradição que norteia a sua condição como líder estatal.

Advindo da grei dos abássidas, o Califa é mais um herdeiro do trono de Bagdá, que já vem a muito sendo governado por essa estirpe. Durante o texto literário, o narrador nos circunscreve na natureza desse personagem como um ser de sentimentos estáticos, que se oculta diante de uma frente cerrada, “o Califa esconde a mirada opaca estreitando os olhos” (PIÑON, 2008, p. 10). É essa mirada turva, fixa, que acompanha todos os membros do seu califado, desde os altos funcionários como os ministros, até os de uma categoria inferior, os servos. A respeito das feições do Califa, Silva e Silva (2018) discutem que:

O soberano ciente do papel que desempenha tem o rosto moldado por uma força abstrata que advém da sua grei e da soberania herdada. O Califa age segundo determinações da sua linhagem familiar constituída de homens de pulso firme, com fama de serem másculos e viris, bem como pelo fato de ser o representante maior do povo. Assim, precisa ter um rosto condizente com a identidade e posição que representa (SILVA; SILVA, 2018, p. 08)

Desse modo, o soberano tem total ciência do papel que deve desempenhar perante a sua monarquia e, o seu comportamento condiz, precisamente, com seu cargo mediante a sua função enquanto chefe de Estado. Dessa forma, o Califa tem o seu comportamento pautado em um sistema que rege a forma como um soberano deve agir, além do mais, ele se beneficia dessa situação para exercer as mais variadas formas de dominação.

É importante salientarmos que estamos inseridos dentro de uma narrativa que se passa no século XV, em uma cultura totalmente religiosa, em que aos homens são conferidos altos cargos, como a administração, enquanto que as mulheres vivem sob um sistema restrito, que

regula e controla o seu comportamento social. Essa sociedade educa esses seres para desempenharem diferentes papéis no meio social, resultando numa limitação dos espaços que devem ser ocupados pela mulher e, em uma ampliação desses espaços, destinado aos homens. Sobre os comportamentos sociais, Bourdieu (2012) destaca que:

Através da experiência de uma ordem social “sexualmente” ordenada e das chamadas à ordem explícitas que lhes são dirigidas por seus pais, seus professores e seus colegas, e dotadas de princípios de visão que elas próprias adquiriram em experiências de mundo semelhantes, as meninas incorporam, sob forma de esquemas de percepção e de avaliação dificilmente acessíveis à consciência, os princípios da visão dominante que as levam a achar normal, ou mesmo natural, a ordem social tal como é e a prever, de certo modo, o próprio destino, recusando as posições ou as carreiras de que estão sistematicamente excluídas e encaminhando-se para as que lhes são sistematicamente destinadas (BOUDIEU, 2012, p. 114)

Bourdieu (2012) nos diz que a ordem social está atrelada ao fator sexual, ou seja, essa formação está estruturada de acordo com o que é posto sexualmente. Assim, se o que existe é uma supremacia masculina em relação à figura oposta, o feminino, a ordem social vai se organizar conforme esses princípios. Por isso, e conforme Bourdieu, as mulheres acabam englobando um pensamento dominante que é o tempo todo fomentado e naturalizado – objetivando cargos de autoridade, esses sujeitos se veem longe dessa realidade, já que ofícios menores lhes são sistematicamente conferidos.

Então, “a ordem social ‘sexual’” nada mais é que um sistema pautado em uma diferenciação sexual, criada, organizada e naturalizada, para acentuar as relações de autoridade dentro da sociedade.

Por conseguinte, em relação à cultura árabe presente na narrativa nelidiana, sabemos que toda a progênie dos abássidas, assim como todo reino, foi educada tendo como princípios as leis que fundamentam o Corão: livro sagrado da cultura árabe que traz a figura de Alah como profeta final. Assim, com sua educação pautada nesses preceitos o Califa torna-se uma figura maior, um ser autoritário que tem o poder de chefiar e controlar todos que estão ao seu redor, como se fossem marionetes que estão ali para entreter o soberano do seu enfado rotineiro, resultante das ocupações do seu reinado.

O romance nos traz uma cena emblemática ao construir essa imagem do monarca como um ser superior: “os lampiões mortiços repartem sombras por onde o Califa caminha, após surgir nos aposentos precedido de fanfarras. A cada passo ele agiganta-se prenunciando a intenção de reclamar o corpo da jovem, sem lhe reivindicar a alma” (PIÑON, 2008, p. 10). A sombra do soberano projetada na parede avulta-se à medida que ele vai se aproximando dos outros indivíduos, esse agigantamento do personagem ilustra a sua grandeza enquanto sultão

de Bagdá. Além disso, essa é uma cena curiosa que podemos aludir a uma simbologia do Califa enquanto um homem superior em relação aos demais, que a cada passo em direção ao outro ele se configura como um indivíduo ainda maior.

Em diálogo com as concepções de Pierre Bourdieu (2012) acerca da categorização do homem como um ser dominante, emolduramos o personagem Califa perfeitamente dentro dessa noção, pois é mediante a sua condição estatal como líder de Estado que ele pratica essa dominação, apropriando-se dos espaços sejam eles públicos, no que tange às suas funções enquanto monarca, ou, os espaços privados, no que diz respeito a sua intimidade, para exercer a sua supremacia.

Os próprios membros da corte padecem com as ações do soberano, que impõe autoridade a partir da sua presença ou, com os seus gestos, pois até “o comportamento do Califa intimidava os cortesãos” (PIÑON, 2008, p. 67). As ações, os hábitos e até mesmo a mirada daquele monarca amedrontava seus súditos. Até os funcionários da alta estirpe, como o Vizir, não se desvencilhou da sua mirada:

O Vizir não fora contemplado com a imaginação que a filha herdara da mãe. Em compensação, a natureza pertinaz e astuciosa daquele homem sabia explorar a seu favor as querelas familiares, intensas entre os abássidas. Sobretudo as tramas da corte, que, em suas mãos, tornavam-se um instrumento de rara persuasão. Assim ia pensando o Califa sobre o Vizir, intransigente servidor, cuja devoção à coroa antecipava e punia os avanços dos inimigos, sem mesmo consultá-lo. A quem ele mantinha próximo ao trono, confiante em sua obsessiva entrega ao poder, que só se alquebrava frente ao amor às filhas (PIÑON, 2008, p. 102)

Nesse trecho da obra, temos acesso a algumas características do Vizir através da compreensão formulada pelo próprio Califa, que o visualiza como um servidor fiel e devotado à coroa. Percebe-se que em nenhum momento o soberano faz referência ao Vizir como um amigo, mas sempre o conotando à sua função de servidor.

Ademais, perante a autoridade do monarca, o Vizir é subserviente, realiza todos os mandados e, é tão obediente/entregue a essa dominação, que a sua serventia torna-se uma total obsessão. Em uma das passagens da obra, somos colocados diante de uma cena que pode ser analisada sob o viés da opressão, no sentido de que a presença austera do soberano já é fator decisivo para a contenção das emoções, assim como para o silenciamento:

Submisso à hierarquia cortesã, o Vizir reagia às notícias que eventualmente lhe chegassem sem se pronunciar, ainda que os olhos lhe brilhassem a menção de seus nomes, ou sabendo que Scherezade fora uma vez mais poupada da morte (PIÑON, 2008, p. 103-104)

Ao receber notícias de que suas filhas ainda se encontram vivas no palácio, o Vizir resignou-se a não esbanjar sentimentos perante o Califa, não queria com isso despertar a fúria do seu senhor, limitou-se apenas a sorrir com os olhos. Em outro trecho da obra vemos quais foram às lições deixadas pelo pai do Califa, antigo soberano de Bagdá, referente às questões emocionais:

O pai abássida fora implacável no trato pessoal. Para ele, a lógica de um soberano pautava-se segundo os interesses do trono. A norma do poder, pois, impedia-os de se sujeitarem aos estatutos que regem o amor e a gratidão. Os sentimentos caseiros, nutridos na cozinha e na cama, pertenciam ao povo, capaz de odiar, roubar, matar, e ainda de abraçar-se efusivo, arrependido, em meio às lágrimas (PIÑON, 2008, p. 272)

Para o pai abássida, sentimentos como amor, gratidão, não pertenciam a sua estirpe: eram inerentes à classe do povo. A norma, o poder, a conduta, esses sim eram os únicos comportamentos que interessavam. O Califa “ainda que ambicione a popularidade, desgosta-o o convívio com o povo. Próximo à turba, em geral mantida longe, nunca sabe se lhes sorri ou acena com a mão direita, de cujas falanges pendem anéis, como símbolos de sua autoridade” (PIÑON, 2008, p. 66). Assim, é com base em todos esses aspectos que o personagem Califa se constrói, em consonância com os apontamentos de Pierre Bourdieu (2012), enquanto sujeito dominante, dono de uma personalidade estática que não transmite sentimentalismo algum.

2.2. O Califa e a dominação para com o feminino

Para além da dominação exercida no tocante à figura dos servos, o soberano também se ocupa do semblante feminino. Devido a sua posição, o Califa dispõe de um harém pessoal, onde pode, a qualquer momento, desfrutar dos deleites sexuais - nesse harém há um séquito de mulheres que têm como função primordial saciar os desejos do seu soberano, além de distraí-lo com danças típicas daquela cultura, como a dança do ventre, em que há todo um jogo de véus que o fascina.

Na cultura árabe, as mulheres, desde cedo, são iniciadas na leitura do Corão, na tentativa de serem educadas segundo os princípios que regem aquela religião. Nos seguintes trechos da obra vemos, claramente, como ocorre essa educação e com que finalidade ela é executada:

Muito cedo, ambas as filhas do Vizir tiveram acesso à leitura do Corão, impressionando-as os versículos relativos ao episódio que, ao pregar o recato, impedia que a emoção feminina, afluindo às faces, fosse observada por alguém de fora da família. Transparentes e delicados, os véus, para as irmãs, integraram-se imediatamente à esfera da imaginação. Persuasivos por natureza, eles guardavam e exibiam o que tivesse sob o foco da atenção masculina (PIÑON, 2008, p. 25)

Nessa sociedade patriarcal, as mulheres são educadas para agir socialmente a partir de um comportamento pré-estabelecido, assim, a imagem da mulher e a sua conduta não poderiam ser vistas como sexualizada. Por esse motivo, elas eram educadas de acordo com os princípios constituídos socialmente e estabelecidos pelo livro sagrado.

De acordo com Bourdieu (2012), o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Em outros termos, o corpo em sua realidade biológica é o principal fator de distinção entre os sexos. Com isso, Bourdieu (2012) relata o seguinte:

A diferença biológica entre os sexos [...] e, especificamente a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p. 20)

Diante desses apontamentos, Bourdieu discute que a diferença entre os seres foi socialmente aceita a partir de um processo que naturaliza e atribui à anatomia dos órgãos sexuais o fator responsável por essa diferenciação, distinção essa que também se dá nos campos de atuação profissional desses seres.

Fazendo um contraponto com a cultura presente na narrativa nelidiana, acentuamos que nela podemos observar claramente como são distribuídas as funções sociais dos sujeitos: aos homens são atribuídos os espaços públicos, desempenhando nesses ambientes os cargos da mais alta patente, como a função de líder da cidade, no papel do soberano, e os encargos políticos como a administração, no ofício do Vizir. Já para as mulheres são delimitados os espaços privados, tendo elas a obrigação de se submeterem a um sistema que normatiza e pauta a sua educação, pré-determinando o seu comportamento.

Além disso, essa sociedade impõe à figura feminina os papéis de esposa, de boa serva e de grande adoradora da sua religião. Em conformidade com essa ideia, Santos (2010) pondera que, as mulheres “diferenciavam-se pela capacidade de procriação, o que delimitava seu papel à esfera privada” (SANTOS, 2010, *apud* PAULA; ROCHA, 2019, p. 83).

Por conseguinte, devido à visão social que recai sobre os corpos e demarca as diferenças existentes biologicamente entre os sexos, começou-se a estabelecer relações de

dominação masculina para com as mulheres, já que elas estavam, cada vez mais, reduzidas ao privado e ao “comprometimento” de serem as responsáveis pelas gerações futuras. Desse modo, construída essa relação, as mulheres foram colocadas em uma posição de subalternas, submissas, ou seja, foram inferiorizadas.

Em contrapartida, a figura masculina é construída socialmente como superior; o homem, em sua “superioridade”, mantém uma postura de dominação em relação ao sexo oposto, e são conferidas a ele algumas características que balizam a sua masculinidade conforme nos apresenta Silva (2006):

Aos homens atribui-se características como liderança, racionalidade, força física, destreza, coragem, competitividade, pouca afetividade, virilidade etc., enquanto as mulheres deviam ser cuidadoras, recatadas, frágeis, flexíveis, delicadas, emocionais, subordinadas – o oposto da figura masculina, restringindo-as ao espaço privado, e dando a eles o espaço público. (SILVA, 2006, *apud* PAULA; ROCHA, 2019, p. 83)

É interessante visualizarmos que todas as características conferidas ao masculino reforçam e corroboram para a imagem maior do homem, enquanto que as particularidades femininas, de certa forma, são vistas como menores, subordinadas em comparação ao sexo oposto. Assim, essas características vão delimitar e moldar o sujeito masculino e feminino socialmente.

Esse pensamento de Silva (2006) se assemelha em alguns aspectos com algumas noções propostas por Bourdieu (2012), no que concernem as características postuladas ao másculo. Assim, para o sociólogo Bourdieu (2012) todos os atributos que são conferidos ao homem estão relacionados à sua virilidade, ou seja, o sujeito masculino é formulado de acordo com características viris que lhe são atribuídas historicamente e, essas propriedades são construídas em oposição ao sujeito feminino.

Ainda sobre a diferença biológica entre os sexos, Laqueur² (2001) discorre que:

Desde a concepção do monismo sexual, o homem era tido como padrão de perfeição metafísica e a mulher, por outro lado, era considerada uma formação imperfeita e menos desenvolvida do corpo masculino, como se suas genitais tivessem sido geradas de forma invertida. (LAQUEUR, 2001, *apud* PAULA; ROCHA, 2019, p. 83)

Essa teoria do monismo sexual a respeito do formato das genitálias é interessante porque dialoga, de certa forma, com uma passagem da obra nelidiana em que o Califa em um

² Laqueur nos relata sobre o monismo sexual: uma das primeiras teorias sexuais freudianas que estabelece a hipótese de apenas um aparelho genital para ambos os sexos e, que esse órgão, sendo a genitália masculina, é o único reconhecido pela criança nos dois sexos.

momento de devaneio “evocava ainda a metáfora criada por poetas árabes que, no afã de descrever o órgão sexual da mulher, associaram seu formato à cabeça de um leão faminto e insaciável” (PIÑON, 2008, p. 27). Nessa configuração, os profetas do reino, sempre conferiam à figura feminina certa malícia, as mulheres eram tidas como um ser de “natureza ardilosa” e “mais propício ao pecado”, por isso, os poetas descreviam o sexo feminino como um leão que estando faminto se torna voraz, sendo, dessa forma, perigoso aos homens, que representavam o “mantimento” desse ser.

É em meio a esse cenário que o Califa, com os privilégios de sua posição enquanto chefe de Estado, exerce a sua dominação sobre a figura feminina:

Menino ainda, bastava-lhe requisitar uma favorita a vir ao leito, para divulgar-se quantas vezes entrara ele, sôfrego, no ventre da fêmea. Até mesmo o instante em que, após alcançar o orgasmo, tombara desfeito ao lado da parceira. [...] Nestas suas travessuras sexuais desconsiderando se tinha ela dono. A ponto de, certa feita, usurpar a favorita do tio sem ao menos lhe pedir licença ou desculpar-se posteriormente. Um furto que não lhe ocasionara problemas, por não desejar o tio criticar o herdeiro abássida, cujos atos predatórios vinham-lhe visivelmente enrijecendo a sensibilidade, ofendendo as cordas suscetíveis do amor (PIÑON, 2008, p. 16)

Nesse trecho da obra visualizamos a facilidade que o personagem tem de saciar seus impulsos sexuais, o simples ato de requisitar uma mulher já é o suficiente para a realização de seus desejos. A partir dessa passagem percebemos que o seu mando se estende até os membros de sua estirpe, pois não importa para o Califa se a mulher requisitada para a realização dos atos sexuais pertencia a algum dos seus parentes, a sua ordem deve ser acatada sem objeção. E, isso já ocorria antes dele se tornar soberano, pois o simples fato de estar na linha sucessão já era o bastante.

Assim, o soberano em sua performance dominadora, não esbanje sentimento, carinho ou ternura pela figura feminina, não a considera digna de tal feição devido a sua natureza pecadora, elas são apenas fontes de prazer momentâneo; nunca amou verdadeiramente nenhuma mulher, sempre mantendo seus sentimentos rígidos:

O fato de devorar as favoritas sem considerar suas aflições ou prestar-lhes gentilezas sob forma de uma mirada longa, ou uma carícia que as abastecesse de ilusões. Não havendo, no entanto, ao longo dos anos, amado qualquer destas mulheres, não fizera de nenhuma delas um unicórnio invisível aos impuros, uma fonte de consolo, um regalo mítico para quem levava às costas o peso do califado. [...] E ainda que aguardasse surgir do sexo alguma forma de esperança que o convencesse de estar amando, tal incêndio, provindo do corpo seu, e da mulher, não lhe subia ao coração, que se mantinha frio (PIÑON, 2008, p. 39-40)

O próprio ato sexual é visto como uma forma canibalesca, quando o Califa “devora as favoritas”, simbolizando a total dominação do corpo feminino na ação de saciar os impulsos sexuais. É durante esse ato de saciar-se que ele exerce a sua dominação, tendo como finalidade primordial, desligar-se das ocupações do seu califado.

Essa dominação não se dá apenas de modo físico, mas também na própria conjuntura desse personagem como maior e na condição de dono de outros indivíduos como, por exemplo, na figura das escravas:

As escravas agrupam-se em torno das irmãs. Um voo de besouros que murmuram em tom monocórdico mensagens opacas. Ninguém lhes dá atenção, entende as imprecisões que fazem em surdina. Originárias algumas da Núbia, a geografia onde o ouro das minas faz os olhos luzirem, elas sonham com o metal que um dia as liberte do palácio do Califa. Aguardam sôfregas, as ordens a lhes serem dadas (PIÑON, 2008, p. 43)

Muitas dessas mulheres foram usurpadas das suas tribos, arrastadas ao longo do deserto pelas caravanas até o palácio com a obrigação de servirem ao soberano. O Califa não sabe a que nação elas pertencem, que língua falam, se tinham família ou viviam vagueando pelo deserto: isso tudo para ele não tem importância; o interessante é que elas o sirvam e adaptem-se a cultura do seu Califado.

A configuração dessas mulheres pode ser melhor visualizada na figura de Jasmine, escrava do palácio. Assim como as demais mulheres, ela foi arrancada de sua tribo, os beduínos, e vendida na condição de escrava para servir no reino. As práticas de escravidão como o rapto e a venda de pessoas, eram comuns na cronologia em que se passa a narrativa.

Desse modo, o soberano era totalmente indiferente a essas mulheres – em alguns trechos do romance percebemos que as escravas, em especial a figura de Jasmine, era quase inexistente, no sentido de que sua presença mal era notada pelo monarca:

O Califa mal olha Jasmine, não lhe dá importância. Ignora que ela traz no regaço mistérios típicos da nação que governa. Habituada aos horizontes infinitos, onde a importância humana se reduzia a um grão de areia, Jasmine conforma-se com a indiferença do Califa (PIÑON, 2008, p. 79)

Diante da sua condição enquanto escrava, Jasmine resigna-se, não quer confrontar o soberano, sabe das inúmeras histórias que circulam pelo califado: aqueles que ousam testar a sua autoridade, cultuando seus costumes, falando em sua língua nativa, sofrem grandes consequências. O sultão ignora a grandiosidade cultural que está por trás do silenciamento

dessa mulher, Jasmine, e de todas as outras que ele tem posse; delimitando-se e restringindo suas atenções apenas aos encargos administrativos.

Assim, a dominação sob a figura feminina não acontece apenas no âmbito da consumação dos seus corpos, mas também diante da indiferença, opressão, aprisionamento, silenciamento que o monarca trata essas mulheres.

Com isso, em relação à condição da mulher no âmbito social, Bourdieu (2012) vai ressaltar que para uma mudança significativa da situação feminina, é necessário que haja uma ampliação no “acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas [...] levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 108). É a partir da educação que as mulheres podem se sobressair, ocupar altos cargos sociais e não se limitar ao que foi sistematicamente definido e posto para elas, ocasionando aumento da representatividade feminina em cargos antes ocupados apenas por homens. A educação consegue, dessa forma, reduzir a ideia de supremacia masculina, já que eleva/coloca a mulher no mesmo patamar social que o homem.

Por conseguinte, a dominação exercida pelo personagem estende-se para dentro do convívio matrimonial, sua relação com a Sultana não era regada pelo amor que normalmente une os casais, mas sim por uma relação pautada nas convenções, uma união disciplinada. A Sultana configura-se como uma figura complexa, é uma mulher que rompe com o paradigma de boa esposa a partir do seu envolvimento sexual com um escravo africano que servia no palácio.

Em um dado momento da narrativa, o Califa flagra a sua esposa em um coito amoroso ou “animalesco”, pois “a Sultana mugia como uma vaca, resfolegava como um carneiro, um bicho no cio” (PIÑON, 2008, p. 124) como o próprio personagem acentua, com um escravo provindo da região africana – os traços físicos desse escravo são bem delineados, assim como sua virilidade nos é determinada. A partir desse ultraje sofrido, o monarca além de decretar a morte de sua esposa, impõe perante toda Bagdá que: a partir daquele momento irá desposar a cada noite, uma jovem do califado e na manhã seguinte irá mandá-la para o cadafalso, numa atitude de justiça pelos atos sofridos. “O cadafalso, de construção esmerada, fora erguido com a finalidade única de servir às jovens esposas do Califa, condenadas ao amanhecer” (PIÑON, 2008, p. 07). Após a traição da Sultana, o Califa se utiliza de sua condição para se vingar, vingança essa que se desdobra a todas as mulheres que viviam no reino.

Ele não quer apenas a morte da Sultana, mas de toda a classe de mulheres “pecadoras”. Para isso, ele desposa uma donzela, a torna sua esposa, toma posse do seu corpo

durante o ato sexual, e na manhã seguinte a manda para o verdugo, pois “a tarefa de golpear a carne impura da mulher era do carrasco” (PIÑON, 2008, p. 126). Desse modo, o soberano não queria “sujar” as suas mãos com sangue impuro.

Assim, segue-se uma grande onda de assassinatos de mulheres/esposas do Califa. Ele encontra nessas mortes uma forma de se proteger e de ficar “imune às mulheres”, além disso, todo esse ódio é uma tentativa de vingar-se daquela que o envergonhou diante de todo o reino. Depois da traição, o personagem se vê em um cenário de total desconfiança a respeito da figura feminil:

Como confiar na figura feminina que, mesmo sob vigília, o envergonha diante dos súditos? Jurara que nenhuma mulher voltaria a traí-lo, mas para manter intacta a palavra havia que condenar à morte cada esposa que lhe aquecera o leito. Saindo ela dos seus braços diretamente para o cutelo do carrasco. Não concede futuro a estas jovens e nem lhes demonstra gratidão por haverem conhecido a cópula por seu intermédio. E ainda que penosa, sua decisão evitava no futuro que se praticasse contra ele qualquer ato vil (PIÑON, 2008, p. 64-65)

É desse modo, utilizando-se de sua supremacia, do seu poder, que o Califa encontra uma “solução” para não ser mais “vítima” dos ardis das mulheres. Ademais, no tocante a essa ideia de superioridade masculina, tanto no que diz respeito aos sistemas políticos, quanto às relações matrimoniais, encontramos em grandes pensadores da Grécia Antiga, como o filósofo Aristóteles, essa noção de supremacia: quando ele declara que “entre os sexos, o macho é por natureza superior e a fêmea inferior, o macho governador e a fêmea subjugada”³, ou seja, esse pensador compartilha a ideia do homem ser uma figura sublime e possuir princípios para os cargos de liderança, enquanto à mulher deve ser restringida a posição de subalterna, como um ser menor e, tudo isso devido à própria constituição dos seres.

Além de Aristóteles, outros filósofos também corroboram com esse pensamento, como o filósofo Jean Bodin (1986) *apud* Veiga França (2012, p. 450) que no sexto livro da República capítulo 5, afirma:

A Monarquia deve ser destinada unicamente aos machos, dado que a Ginecocracia é diretamente contra as leis da natureza que deu aos homens a força, as armas, o comando e a tirou das mulheres; e a lei de Deus ordena eloquentemente que a mulher seja submissa ao homem, não somente quanto ao governo dos reinos e impérios, mas também quanto à família de cada um em particular. E até mesmo a lei proibiu à mulher qualquer cargo e serviço próprios aos homens, como o julgar, o postular e outras coisas semelhantes; e isto não somente por falta de julgamento, mas também porque as ações viris são contrárias ao sexo, e ao pudor e castidade femininas. (BODIN, 1986, *apud* VEIGA FRANÇA, 2012, p. 450)⁴

³ Trecho do livro *Política aristotélica*.

⁴ BODIN, Jean. *Les six livres de la république*. Vol. 6. Paris: Fayard, 1986. [1576].

É importante salientarmos que Jean Bodin, encontra base para o seu argumento no discurso religioso, onde ele afirma ser “a lei de Deus” que sentencia a mulher a dispor de um comportamento submisso em detrimento a uma figura “maior”, o homem. E esse discurso do filósofo dialoga e muito com o que é pregado na cultura árabe, através da leitura do Corão e da figura de Alah, sobre o comportamento das esposas. Assim, a infração cometida pela Sultana é uma ofensa grave aos princípios daquela religião, o que acaba levando a sua morte e, a morte de outras mulheres.

3. A DOMINAÇÃO MASCULINA E AS RELAÇÕES SEXUAIS

No presente capítulo discute-se acerca da dominação masculina exercida pelo personagem Califa na sua relação íntima com Scherezade - e como ela consegue encontrar subsídios para escapar desse controle. Pontuaremos também como o ato de dominar se materializa nas relações sexuais entre os protagonistas da narrativa, sinalizando como as genitálias representam as noções de ativo e passivo durante a cópula.

Para esclarecermos as formas de controle diante do ato sexual e como a violência simbólica também corrobora para acentuar essas posições, buscaremos em Pierre Bourdieu (2012) a fundamentação necessária para abordar essa temática. Além disso, tencionamos discorrer sobre o conceito de *Sexismo* proposto por Smigay (2002) e como o imaginário do homem árabe, na figura do Califa, se aproxima dessa mentalidade sexista.

3.1. A dominação diante da cópula entre o Califa e Scherezade

Construída a ideia de dominação, o homem passa a exercê-la, visando que o sexo oposto, ou seja, a figura feminina está a pleno serviço de seus desejos. Desse modo, a dominação masculina se mostra plenamente nas relações sexuais existentes entre os corpos. “O ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse” (BOURDIEU, 2012, p. 29-30).

Na obra *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon, a dominação exercida pelo personagem Califa não se detém apenas no campo verbal, com seus decretos e ordens, mas se estende para outras instâncias, como na esfera física, representada nas relações sexuais que mantém com as favoritas⁵ e com sua esposa Scherezade.

Beneficiando-se de uma condição que o coloca em uma posição de maior prestígio, ele se torna um ser dominante e executa o seu poder se apropriando do corpo feminino durante uma cópula mecanicamente desempenhada: “Scherezade retornou ao Califa justo no instante em que ele, arrancando-lhe a peça íntima, expunha, à luz da lamparina, seu púbis escuro, em cuja fenda cerrada introduziu, de um só golpe, o membro autoritário” (PIÑON, 2008, p. 15). Nessa passagem somos postos diante do comportamento do Califa durante o ato sexual, é interessante notarmos como os seus gestos são abruptos, ásperos, no momento em que arranca a vestimenta íntima de Scherezade e penetra o seu corpo, em um ato estritamente mecanizado.

⁵ Expressão posta no romance para designar as concubinas do Califa, ou seja, mulheres que mantinham uma relação marital com o soberano, porém não legalizada.

A partir dessa conduta do personagem compreendemos como essa relação é pautada numa dominação de posse, ou em outros termos, no apoderamento do corpo feminino. Além disso, o próprio falo do personagem, ou seja, seu “membro autoritário” representa, nessa concepção, toda a autoridade do Califa enquanto soberano.

Em relação à ocupação de cargos de autoridade, Bourdieu (2012) discorre o seguinte:

A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições são dificilmente conotadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como opostas às mulheres tais como elas são hoje (BOURDIEU, 2012, p. 78)

Bourdieu (2012) contesta que para o apoderamento de cargos elevados como, por exemplo: o posto de soberano, espera-se do sujeito ocupante um comportamento mais enérgico, e tal conduta não é verificada no perfil feminino já que socialmente e sexualmente as mulheres desempenham (são levadas a desempenhar) uma postura e modos submissos. Assim, o homem como oposto ao feminino em termos sociais e sexuais, enquadra-se como a figura ideal para a posse do ofício, pois possui os requisitos fundamentais e principais para a função.

O autor também relata que para a mulher conseguir apoderar-se do encargo, seria necessário “possuí não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura física, uma voz ou aptidões como agressividade [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 78). Dessa maneira, o ofício de chefe foi pautado nas características físicas masculinas, justamente por elas fornecerem uma estrutura mais sólida, potente e vigorosa. Ademais, Bourdieu (2012) ainda realça que “os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens” (BOURDIEU, 2012, p. 78). Por esse motivo, a autoridade dita natural exigida pelo cargo se enquadraria melhor para o masculino.

Por conseguinte, as relações sexuais que são praticadas entre os personagens da obra, Califa e Scherezade ou Califa e as favoritas, são intituladas pelo narrador como fornicção ou cópula. Isso porque o ato sexual que ocorre na narrativa não é regado por sentimentos, configura-se como uma ação automatizada, compreendida como uma tarefa a ser executada:

Apesar de haver possuído incalculável número de mulheres, tal era sua apatia junto ao corpo feminino que dispensava apressado as práticas sexuais que lhe cobrassem esforço suplementar. Seu ideal consistia em atingir a plenitude orgástica sem se deslocar em demasia no interior da vulva feminina. Uma viagem cansativa aquela,

da qual retornava trazendo lembranças que as tarefas do reino prontamente borravam (PIÑON, 2008, P. 56)

Nesse trecho da obra vemos o desânimo do Califa diante das suas obrigações sexuais, já que, diariamente, ele deveria copular com uma mulher: essa era mais uma das tarefas a ser desempenhada pelo personagem, o que demonstrava a virilidade do soberano de Bagdá. Ademais, percebemos o fastio com o qual ele cumpria essa obrigação diária, retendo seus movimentos e não fazendo muito esforço, pois com uma idade já avançada, o monarca já não dava tanta importância às questões relativas à sua virilidade.

Porém, o Califa enquanto rei deve desempenhar os rituais sexuais que demonstram a sua virilidade, por isso, o sexo, ou melhor, a cópula entre o soberano e as demais mulheres é tida como uma espécie de encenação teatral: a mulher, durante o coito, desempenha determinado comportamento, sempre ficando por baixo do Califa, numa representação de submissão a uma figura “maior” que se faz potente, ou seja, que se demonstra viril.

Essas posições dos corpos, por cima e por baixo, remetem-nos ao esquema sinóptico das oposições pertinentes proposto por Bourdieu (2012), que retrata justamente as configurações de posição e oposição que são atribuídas naturalmente para a figura feminina e masculina. Assim, em consonância com esse pensamento, esse jogo antagônico entre as posições dos corpos dos personagens, é compreendido como uma forma convencionalizada socialmente das funções sexuais que são desempenhadas entre os seres, numa tentativa de delimitar a passividade da mulher, em contrapartida a virilidade do homem. Desse modo, o comportamento sexual feminino também é normatizado, já que seu desempenho deve seguir determinado padrão.

Na obra, Scherezade “ainda na casa do pai, na véspera de partir, [...] imaginara-se nua na cama, com o soberano a cavalgar arfante sobre seu corpo” (PIÑON, 2008, p. 14). Aludimos à imagem do soberano a de um cavaleiro e, a mulher como um animal, assim, nessa correspondência, o cavaleiro estaria adestrando esse animal, e o seu arfar seria compreendido como sinônimo da sua destreza e força física, o que equivaleria a sua virilidade. Com isso, partindo do imaginário da personagem Scherezade, observamos claramente como as mulheres da cultura árabe compreendiam as funções sexuais a serem praticadas entre os seres, já que elas eram ensinadas a idealizar os momentos de cópula, e o seu papel, durante o ato sexual, corresponderia à submissão ao homem, pois tinham como finalidade satisfazer os desejos masculinos.

Na analogia feita anteriormente, a mulher é representada como um animal que precisa ser domesticado, e essa domesticação reforça a ideia de passividade que deve recair sobre a figura feminina, em detrimento a uma figura dominadora/ativa. Isso também equivale a uma metáfora árabe presente no texto literário, em que os profetas tentam descrever a aparência da genitália da mulher, assim “associaram seu formato a cabeça de um leão faminto e insaciável” (PIÑON, 2008, p. 27). Desse modo, a vulva feminina é associada a um animal, à cabeça de um leão faminto, necessitando, dessa forma, passar pelo processo de admoestação. Caso isso não ocorra, será letal para os homens, que serão devorados por uma vulva esfaimada, por isso, faz-se extremamente necessário, para a cultura árabe, que a mulher passe por esse processo de adestramento.

Até o presente momento discutimos a passividade feminina com base na alusão de adestramento e, na metáfora criada pelos árabes em que descrevem o órgão sexual da mulher como um animal, na tentativa de utilizar essa simbologia como argumento favorável para adestrar o sujeito feminino. Diante disso, faz necessário relatarmos que a domesticação dessas mulheres, nada mais é que uma educação pautada em normas de omissão, docilidade e subalternidade.

Assim, para que não ocorra uma ação fora do padrão postulado, o desempenho feminino durante as relações sexuais é regido por um sistema que determina um comportamento passivo, submisso, para a satisfação e o bem-estar do homem. Esse comportamento de passividade é melhor visualizado nas relações de cópula entre as personagens Scherezade e Califa:

Scherezade ressen-te-se de que, forçados à intimidade imposta pelos exíguos aposentos, lhes falte cerimônia. Aflita, ela cerra os olhos mesmo à luz do dia, a pretexto de pensar e ratificar certas questões. Uma promiscuidade que se evidencia quando o Califa, ao dar realce à sua natureza feminina, estende-se lânguido na frente de todas as mulheres. Prestes a copular, ele livra-se apenas de parte dos trajes, só deixando a genitália escura à mostra. Para que os tecidos restantes escudem seus sentimentos (PIÑON, 2008, p. 94)

O Califa desnuda Scherezade apenas de seu traje inferior, exibindo sua genitália. Nesse ínterim, o que está prestes a acontecer, entre ambos, é meramente o cumprimento de um ritual, não há beleza, encantamento, ternura no ato: o corpo feminino é a peça primordial durante a encenação, o receptáculo do “membro supremo”⁶.

⁶ Utilizamos essa terminologia para nos referirmos ao falo do Califa, pois o seu membro viril carrega toda a simbologia de autoridade que o personagem representa enquanto chefe de Estado.

No que concerne à dominação masculina durante as relações sexuais, Bourdieu (2012) esclarece que:

A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir esta forma limite do *amor fati*, que é o amor do dominante e de sua dominação, *libido dominantes* (desejo do dominante) que implica renúncia a exercer em primeira pessoa a *libido dominandi* (o desejo de dominar) (BOURDIEU, 2012, p. 98)

Socialmente, durante as relações sexuais, é postulado que haja uma correspondência passiva e ativa entre os sujeitos, ou seja, cada um deve desempenhar a função que essencialmente lhe corresponde. Assim, o sujeito dominante se apropria dessa conformidade vista como algo natural, para realçar sua ação dominadora, seu *amor fati*, fazendo com que o indivíduo desprovido de conhecimento a respeito da dominação, anule o seu desejo de dominar para acentuar o poder dominador do outro.

Na narrativa nelidiana, Scherezade tem ciência que a relação sexual é como um ritual, e requer o cumprimento de certos pormenores, há regras protocolares que devem ser seguidas, mediante o bom funcionamento da cerimônia: são nesses protocolos que ela se ampara e certifica que o Califa não irá descumprir o rito, faltando formalidade entre ambos. Ressente-se que diante da intimidade forçada entre eles, o Califa a ofenda, não cumprindo às regras cerimoniais que regem a fornicção. Tais princípios também são fundamentados no Corão, o que denota o fato do ato sexual ser visto como uma espécie de cerimônia obrigatória, devendo ser efetuada, diariamente, por aquele que representa e governa o reino de Bagdá.

É durante esse procedimento que evidenciamos a passividade posta ao corpo feminino, a preparação para a passagem do soberano, os ritos a serem feitos para o entrelaçamento das genitálias. Portanto, a dominação masculina, representada na figura do Califa, mostra-se desde os procedimentos de preparação até a efetuação do desfrute do corpo.

Para além disso, torna-se importante salientarmos transgressões ocorridas durante o processo de dominação: Scherezade em muitos momentos foge do poder estatal do Califa, sutilmente, ela se desloca para o plano onírico, visitando a vastidão do seu ser, perdendo-se em mundos criados por ela mesma, pois “é comum, durante o próprio coito, ela ausentar-se, não lhe fazendo diferença que um outro homem ocupe o lugar do Califa” (PIÑON, 2008, p. 173-174). Durante os momentos de fornicção Scherezade transporta o seu ser para dentro do seu universo narrativo, deixando apenas seu casulo, ou seja, seu corpo a mercê do soberano, para que ele se aproprie da sua casca, mas não consiga alcançá-la.

Dessa feita, Scherezade se utiliza desse artifício para escapar do poder dominador do monarca, é ausentando-se nos momentos de cópula que ela rompe com a dominação posta sobre seu ser, não importando, de certo modo, para ela, que homem está possuindo seu corpo, encontrando-se ausente, ela não se preocupa e não tem controle sobre quem está conduzindo o ato.

Uma outra estratégia empregada por Scherezade para fugir da ação dominadora é não emitir ruído algum em meio ao ato sexual. Ela não pretende enlaçar o Califa amorosamente, seu objetivo não é conquistá-lo, mas entretê-lo, primeiro com o coito, em seguida com as histórias, fazendo com que ele não consiga se desvincular da sua ação narradora, não conseguindo viver sem suas histórias. Assim, não esbanjando sentimentalismo algum e criando enredos ininterruptos, ela consegue manter distanciamento, não permitindo que o soberano consiga decifrá-la e aprisioná-la:

Scherezade mesmo não emite som ou lamúrias. Ela age na certeza de que é mister sobreviver. No entanto, o corpo lhe arde. Discreta, apalpa o sexo, a brecha promovida pela passagem do Califa, caído ao seu lado, ambas as genitálias em frangalhos. Cientes, no entanto, de que a arma mortífera da paixão não os enlaçara e nem os comprometera qualquer volúpia (PIÑON, 2008, p. 17-18)

Nessa passagem da obra observamos como se comportam as personagens diante da ação praticada - para Scherezade o mais importante é conseguir sobreviver a mais um dia na presença do Califa, ela sabe que o soberano não tolera a emissão de sons escandalosos com o objetivo de agradá-lo - por isso, ela age sorrateiramente visando o prolongamento dos seus dias para que o seu plano siga em andamento. Dessa forma, salientamos que a personagem Scherezade age de modo diferente ao que é imposto ao sujeito feminino, ela utiliza o ato sexual como um meio de escapar da situação turbulenta em que se encontra; enquanto o Califa pensa que a mantém prisioneira, ele é quem se encontra preso na teia narrativa da mulher. Assim, Scherezade consegue transgredir os ditames sociais.

Assim, o que ocorre entre ambos não passa de uma encenação teatralizada para o cumprimento dos rituais cerimoniais que fazem parte da cultura árabe, não só dessa cultura como também de outras. Uma obrigação que atinge não apenas as mulheres, mas também os homens, pois eles, assim como elas, devem seguir determinada conduta, comportamento esse que deve ser ativo e, demarcar a sua virilidade enquanto homem.

Com isso, pontuamos que a dominação no ato sexual está atrelada, claramente, com o conceito de virilidade masculina; esse vigor relaciona-se, sobretudo, à força física e à potência sexual, reforçando a ideia do que é ser homem. Logo, o ser dominador, o macho, precisa

estabelecer uma relação entre dominado e dominante, para que isso lhe traga o sentimento de posse, pertencimento e poder.

Para isso, o jogo teatralizado das relações praticadas entre as personagens se faz necessário, o Califa finge conceder um prazer inexistente para a sua esposa, e Scherezade “desempenha” o seu papel passivo e ao mesmo tempo revolucionário, já que ela desautomatiza as funções do sexo, pratica-o com a finalidade de cumprir com os deveres matrimoniais e também para realizar seu plano heroico: livrar as jovens da morte. Assim para a contadora de histórias:

O amor é teatral, intui Scherezade, que, à mercê do Califa, jamais se apaixonou. O espetáculo amoroso, como o concebe agora, junto ao leito do Califa, requer ilusão, artifício, máscaras coladas aos rostos dos amantes enquanto copulam. E que, modeladas com cera, derretem e renovam-se durante a noite, à medida que eles subtraem e acrescentam gestos e palavras ao convívio (PIÑON, 2008, p. 173)

Como em um teatro, cada ator cumpre o papel que lhe foi dado, revestindo-se com uma máscara que anula a sua personalidade para incorporar uma nova identidade; o espetáculo requer um roteiro já elaborado para que os atores sigam à risca o decurso já traçado. Assim, o que ocorre entre o Califa e a Scherezade não se distancia muito de uma peça teatral, pois ambos devem encenar um amor que não existe, engendrar um ambiente com “ilusão” que seja propício para o ato, utilizando-se de “máscaras modeladas com cera” que se “derretem e renovam-se” a cada dia vencido.

3.2. A vulva e o falo: as representações de passivo e ativo

No decorrer da obra *Vozes do deserto*, o narrador faz uso das expressões “vulva” e “falo” para se referir as genitálias das personagens. Essa forma de representar os órgãos sexuais é curiosa por que, de certa forma, demarca o conceito de ativo/passivo discutido por Bourdieu (2012). Na narrativa o falo representa a progênie, a capacidade potencial de fecundação, enquanto a vulva representa uma espécie de receptáculo. Por isso, esses dois representantes da anatomia sexual humana são vistos, socialmente, como complementos, ou seja, quando ambos estão ligados representam a ideia de “enchimento”. Assim, o falo seria essa potência viril/ativa que fecunda, enquanto a mulher é atribuída à posição de recipiente, de órgão fecundado; numa relação que se demonstra, numa visão social, como “necessidade natural”, conforme destaca Bourdieu (2012).

Além disso, as representações de movimento do falo como subir/ereto denotam a ideia de virilidade, como também os estados mole/caído desautorizam a noção do viril. Todos esses conceitos são construídos socialmente e naturalizados para demarcar esses estados, por isso, quando o comportamento do homem vai contrário a essas noções de virilidade, ele é “rebaixado” a uma categoria inferior, dessa forma, o homem acaba sendo feminizado por não corresponder ao “natural” que se esperava do seu sexo. Em conformidade com essas questões, Bourdieu (2012) discute que:

A virilidade, como se vê, é uma noção iminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (BOURDIEU, 2012, p. 67)

Com isso, compreendemos que o conceito de virilidade foi criado pelos homens e unicamente para eles, numa relação de afirmação da potência física, estabelecida entre eles. Por esse motivo, esse conceito suscita os ideais de honra, força, destreza, fixados entre o masculino, enquanto põe em evidência uma dita “fraqueza feminina”. Assim, o sujeito viril é “contra a feminilidade” por essa representar, de acordo com os ditames sociais, fraqueza, vulnerabilidade, inferioridade, o que vai contra o ideal masculino, estabelecido socialmente pelos próprios homens. Ainda sobre a relação sexual e a dominação masculina, Bourdieu (2012) discute o seguinte:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2012, p. 31)

Assim, percebemos que no próprio ato sexual é imposta às mulheres, de forma naturalizada, uma condição de passividade em relação ao outro. Torna-se natural para elas o desejo de se sentirem dominadas e de satisfazerem às vontades do ser dominante.

É interessante pontuarmos que a personagem Scherezade não se aproxima em demasia dessa condição de passividade, pelo contrário, seu comportamento se distancia dessas amarras que normatizam e naturalizam uma passividade imposta ao corpo feminino.

Ela mantém os cuidados com o ritual matrimonial, porém com a finalidade única de sobreviver e livrar as outras jovens da morte iminente: “[...], Scherezade mergulha na piscina. Após a penosa jornada noturna, praticamente desfalece de tensão. Esforça-se por recolher os

pedaços de vida que lhe sobram, em guardar intactos os sentimentos ocultos na noite vencida” (PIÑON, 2008, p. 43). Em nenhum momento durante a narrativa, ela tenta saciar os impulsos do monarca por mero prazer, o seu comportamento tem como finalidade única sobreviver e parar os assassinatos; seus dias ao lado do Califa se transfiguram em uma jornada pela sobrevivência, cada dia vencido é um dia a mais de vida.

Scherezade é uma mulher transgressora por romper com os ditames de submissão quando se ausenta nos momentos de cópula, viajando pelo seu universo criativo enquanto devia cumprir, fielmente, os seus deveres conjugais.

Bourdieu (2012) retrata que o comportamento sexual dos seres também é pré-concebido, ou seja, há uma visão que fomenta como esse comportamento deve ser realizado. Isso está ancorado, paulatinamente, na ideia de “superioridade masculina”, numa relação de equivalência, posto que exista uma implicação mútua de correspondência: superior e inferior, um dependendo do outro para existir. Assim, constituída a noção de superioridade atrelada ao masculino e, o seu correspondente que seria a submissão feminina, estabeleceu-se também a idiossincrasia que os sujeitos devem desempenhar, naturalizando essas condutas e atribuindo a diferença biológica.

Com isso, já que o homem representa a superioridade, as formas de tratamento devem equivaler ao papel simbolizado. Portanto, torna-se natural que “o desejo feminino seja o desejo da dominação masculina” (BOURDIEU, 2012, p. 31) enquanto “o desejo masculino se torna o desejo da posse” (BOURDIEU, 2012, p. 31), ambos representando assim os papéis sociais que lhes foram atribuídos naturalmente.

Almeida (2020), em um artigo publicado na revista de pós-graduação em artes visuais UFPE-UFPB, discute que prevaleceu até a Antiguidade uma visão entre oposições de partes do corpo que corresponderiam exclusivamente ao feminino e ao masculino; a articulação entre razão e mente como próprios do masculino e, sexo e corpo característicos do feminino. Assim ao homem são atribuídas atitudes mais racionais, mais sábias, em contrapartida, “aos poucos foi se ‘naturalizando’ o conceito de que a mulher é mais ‘sexualizada’ que o homem” (ALMEIDA, 2020, p. 100).

Diante disso, tudo que diz respeito ao homem é de imediato relacionado à razão, ao consciente, sendo a mulher resignada a “agir conforme seus impulsos”, ou seja, o desejo prevalece acima da sapiência. Num contraponto com a autora, Scherezade quebra com essa ideia, pois ela utiliza-se da razão quando decide se casar com Califa, quando cria um plano heroico, quando esvazia o corpo e mente deixando-se habitar pelo Califa, quando o prende no

emaranhado das suas histórias. Ela utiliza-se da razão, uma característica, histórico e socialmente, designada aos homens.

Por conseguinte, a vulva feminina vai ganhando diversas configurações como: sagrada e profana. Na narrativa aqui analisada, mais especificamente na figura das favoritas que compõem o harém do Califa, vislumbramos como esse órgão feminino ganha a conotação de sagrado, justamente pelo fato de que apenas o soberano de Bagdá tem o direito de acessá-las.

Além disso, somente o monarca ou os escravos castrados tem acesso à ala em que se encontram as mulheres, o que expressa/constata a elas uma áurea sagrada, não porque são consideradas mulheres fervorosamente religiosas, mas pelo fato de suas vaginas pertencerem, exclusivamente, ao soberano, o que torna essas mesmas vulvas sagradas para os demais homens:

A porta do harém permanecia lacrada como sinal de que, a despeito de sua ausência, elas ainda lhe pertenciam. Aquela parte do palácio, sob severa vigilância, só podia ser visitada pelo soberano, o único autorizado a locupletar-se das carnes de rara textura das mulheres que ele fora pessoalmente selecionando ao longo dos anos. Este território da fantasia masculina, herdado já na adolescência, dispensara-o da batalha da sedução, uma vez que lhe bastava indicar com o dedo que mulher o acompanharia ao leito (PIÑON, 2008, p. 252)

Através desse trecho ratificamos o que já havíamos dito anteriormente a respeito do Califa ser o único a poder saciar-se das “carnes de rara textura” pertencentes às favoritas - as mulheres viviam confinadas e prontas a atender as solicitações do soberano, qualquer homem que ousasse usufruir da “vulva sagrada” estaria profanando e maculando a imagem do monarca. Foi justamente o que aconteceu entre a Sultana e o escravo africano: o escravo maculou uma “vulva santa” pertencente ao soberano, profanando, dessa forma, o leito real, dando origem à sequência de mortes que tinham como intuito restituir a honra do monarca.

Ao fazermos essas afirmações estamos destituindo a Sultana de qualquer direito que ela tenha sobre o seu corpo, pois sua vulva não a pertence, é propriedade exclusiva do Califa, por isso, ao deleitar-se aos prazeres da carne com um escravo, ela “rebaixa”, “humilha” e “profana” a imagem do soberano. Nessa conjuntura, o corpo feminino pertence ao homem, não cabendo à mulher, portanto, profaná-lo com seu comportamento luxuriante.

Ademais, a vulva contrasta entre o “profano” e o “sagrado”. À medida que a mulher utiliza seu corpo ou, mais especificamente, faz uso da sua vulva para saciar suas vontades, lucrar financeiramente, ou obter qualquer benefício ao seu favor, esse ato, de imediato, é julgado como uma conduta profana que não condiz com os princípios sociais, em outros termos, com os preceitos do patriarcado. É por esse motivo que a vulva se configura entre

esses dois aspectos, sendo também tratada pela sociedade como tabu, como assunto proibido e imoral.

No entanto, por muito tempo se perpetuou o pensamento de que a vulva feminina era na verdade um falo invertido e, por essa característica a mulher era tida como uma forma imperfeita do homem, uma forma menos elaborada e mais propícia à profanação:

Assim como a vagina deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo, a posição amorosa na qual a mulher se põe por sobre o homem é também explicitamente condenada em inúmeras civilizações. (BOURDIEU, 2012, p.27)

Diante dessa passagem de Bourdieu (2012), retomamos a discussão sobre a virilidade e a passividade. Vejamos que quando o comportamento sexual da mulher se configura ao do homem, “a mulher se põe sobre o homem”, sua conduta é condenada, isso porque ao se postar sobre o corpo masculino ou, em outras palavras, ao montar no homem, a mulher desempenha um papel viril, o que nos remete a um ato de dominação já que ela é quem estará no controle da situação.

Nesse ínterim, os papéis sexuais desempenhados por ambos são invertidos, essa “posição amorosa” que o homem exerce ficando por baixo da mulher, é uma atitude passiva que o “rebaixa” à condição feminina, isso conforme os preceitos sociais estabelecidos e naturalizados, de acordo com a normatividade do patriarcado. Desse modo, cabe-nos mais uma vez afirmar que o “natural social” a ser desempenhado entre os seres é a virilidade confinada ao falo, e a passividade destinada à vulva.

Na narrativa nelidiana, como já sinalizado, o falo simboliza a força fertilizadora, o órgão fecundante, e o ventre como receptáculo: “agora, porém, que o ventre se tornara receptáculo do esperma principesco, nem assim dava vazão ao seu instinto. Tudo nela amortecia e apagava o desejo do Califa” (PIÑON, 2008, p. 246). Esse trecho aborda a conduta fria e mórbida que Scherezade adquiria durante a cópula com o Califa e, a maneira como ela conseguia amortecer a virilidade dele.

Ademais, na narrativa, o falo é visto como a origem da vida, justamente por ser essa potência viril a responsável pela fecundação. Porém, Almeida (2020) discorre que é pela vulva “por onde a vida se cria e se passa, por onde a força da natureza se impõe. É, pois, pelo órgão sexual feminino que se percebe o curso natural da vida” (ALMEIDA, 2020, p. 102). Portanto, a vulva é essa força natural que dá origem a vida, é o órgão sexual feminino uma verdadeira potência, e não apenas um mero receptáculo, pois sem ele a vida não se origina.

3.3. A violência simbólica

Para Bourdieu (2012), a dominação masculina como já discutimos até o presente momento, ocorre por meio da apropriação do corpo feminino durante a realização do ato sexual, partindo de um comportamento normatizado socialmente que confere à mulher um desempenho sexual passivo em relação ao homem que deve exercer a sua virilidade, justificando assim o seu papel de dominador.

Porém, a dominação não se estabelece exclusivamente apenas pela apropriação física do corpo feminino durante esses atos - existem outros vieses pelos quais a dominação se verifica, um deles e não menos perigoso, é a violência simbólica, que se configura como uma espécie de dominação, não física, da figura feminina. A violência simbólica está atrelada aos perfis sociais, às formas de comportamento, o que é ser mulher, o que é ser homem para a sociedade, como podemos distingui-los, quais características são atribuídas a ambos. É uma violência que se estende pelo campo psicológico e pelos valores culturais.

Torna-se extremamente importante desmistificarmos a ideia de que a violência simbólica não causa danos físicos à mulher: essa agressão é o passo inicial para a dominação e, pode se expressar, em algum momento, sob forma de agressão física. Primeiro ela prepara o imaginário feminino se embasando na naturalização social das oposições biológicas do corpo correspondente ao feminino e ao masculino, logo depois, tendo normalizado as “diferenças” e enquadrado esses seres, o que vem em seguida é fruto, ou melhor, consequência dessa preparação. O que esperar de uma sociedade patriarcal que normatiza a inferioridade da mulher e a superioridade do homem, tendo como justificativa para essa distinção a diferença na anatomia dos corpos?

Além das características atribuídas ao homem por meio das diferenças biológicas, o meio social e a família também concederam a esse sujeito certo tipo de comportamento que um “homem de verdade” deveria seguir. Na narrativa de *Vozes do deserto*, por exemplo, o personagem Califa tem o seu comportamento moldado de acordo com o papel social que ele representa: o de soberano de Bagdá.

Ele deve cumprir diariamente um rito cerimonial que afirma a sua potência viril: “há muito vinha pedindo a Alah que o desvencilhasse da obrigação, contraída desde a adolescência, de visitar diariamente o sexo feminino” (PIÑON, 2008, p. 295). Nesse trecho da narrativa temos acesso a uma das tarefas atribuídas ao soberano, ele tinha como obrigação, desde sua adolescência, fornicar com uma mulher diariamente, provando assim sua capacidade viril, e o papel de maioral que lhe foi outorgado.

Porém, é interessante notarmos como esse comportamento conferido ao Califa tornou-se enfadonho e cansativo; o personagem já tem uma idade avançada e as suas percepções em torno de sua virilidade foram ganhando outras proporções, pois ele já não se incomoda tanto com o fato de não desempenhar a virilidade esperada, não se importa em satisfazer a mulher com quem fornicava demonstrando potência em seus movimentos. Pelo contrário, ele faz o mínimo de esforço possível, pois “os anos abrandaram qualquer fúria interior e contentava-se simplesmente com um orgasmo rápido, sem empenho. Pouco o preocupando naquela altura da vida, defender sua reputação de fornicador” (PIÑON, 2008, p. 257).

Para esclarecer como essa socialização das características masculinas e femininas se mostram, elucidaremos o conceito de violência simbólica proposto por Pierre Bourdieu (2012), segundo o autor:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceber ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural [...]. (BOURDIEU, 2012, p. 47)

Assim dizendo, do ponto de vista social, a violência simbólica parte da concepção de que a dominação é tida como algo natural. Além disso, ela também está vinculada ao desconhecimento do dominado, uma incompreensão acerca de uma consciência dominadora que foi construída socialmente partindo de uma ideia de diferenciação entre os corpos e logo depois dos papéis sociais estabelecidos para os sujeitos.

Essa dominação “invisível”, já que se institui no campo psicológico, mas que pode, em última instância, expressar-se fisicamente, está condicionado às estruturas sociais: viola a mulher quando esta deve usar determinada roupa em detrimento de outra para não ter a sua moral denegrida, quando se estabelece uma paleta de cores que corresponde como próprias a mulher e ao homem, quando a mulher desempenha o papel de submissa em relação a uma figura “maior” masculina, quando a mulher tem o seu riso contido para não ser considerada extravagante, dentre inúmeras outras formas de contenção.

Na narrativa nelidiana aqui analisada, uma peça da indumentária feminina árabe pode ser visualizada sob o viés da violência simbólica: os véus. Essa vestimenta possui grande significação dentro daquela cultura, pois ancorado nas normas que balizam o Corão, as mulheres não devem mostrar os rostos, já que o afloramento de suas emoções poderia ser

visto pelos homens, mediante o rubor adquirido em suas faces. Dessa forma, seus rostos são cobertos pelos véus que simbolizam, para aquela cultura, o recato feminino.

Além disso, oculta os rostos femininos a fim de que as suas feições não despertem o interesse dos homens; ao ocultar esses rostos ocorre uma padronização dessas mulheres, como se todas fossem iguais em personalidade, aliás, o que ocorre é uma normatização de comportamentos, vestimentas e identidades.

Em conformidade com esse pensamento, Silva e Silva (2019) a despeito dos véus discutem que:

A religião islâmica, através da imposição do uso do véu, procura institucionalizar a fisionomia feminina, cobrindo o rosto das mulheres e criando uma significação uniforme, como se cada uma delas tivessem o mesmo rosto, pois, por estarem cobertas pelo véu, as mulheres árabes têm sua identidade subtraída (SILVA; SILVA, 2019, p. 189)

Para além do recato e pudor, essa peça da indumentária feminina tem como finalidade a não individualização da mulher, suas identidades são padronizadas e os seus sentimentos mais íntimos são ocultados pelo véu. Assim, essa sociedade funciona diante de um sistema que atribui ao masculino o poder, a autoridade e a soberania, enquanto encarcera a mulher em princípios que reduzem e uniformizam a sua identidade.

Diante disso, aludimos a figura do véu como representante da violência simbólica porque é uma peça imposta a mulher, com uma finalidade a cumprir. Ademais, o véu também cumpre outro papel: ao mesmo tempo em que ele camufla e padroniza os rostos femininos, ele também aviva jogos eróticos, já que “o véu é usado como estímulo para as façanhas amorosas e principalmente para o agrado do homem [...]” (SILVA; SILVA, 2019, p. 192).

Assim, percebemos que tudo está direcionado a um outro, ao homem. O uso do véu se constituindo como uma forma de contenção da beleza e dos sentimentos, além de também ser utilizado como peça erótica, aguçando o imaginário masculino. É por esse motivo que o véu se constitui como uma forma de violência, já que desautomatiza a identidade feminina, uniformizando-a. Com isso, essa peça da indumentária árabe possui toda uma simbologia de dominação masculina em torno da imposição do seu uso.

O véu, como uma forma de violência, está prescrito na estrutura social daquele povo, o não cumprimento do uso da vestimenta confere à mulher um caráter imoral e uma violação aos princípios estabelecidos no Corão. Mais que uma obrigação, o véu se institui como uma regra e o seu descumprimento é levado ao título de crime contra a moral do povo árabe.

Se isso não é uma forma de violência não física estabelecida na simbologia da estipulação do uso de uma vestimenta, então o que é? O que significa essa imposição do uso do véu se não uma forma de dominação?

Dessa maneira, o véu se qualifica como uma extensão do rosto feminino, pois que “praticamente grudado à pele, faz parte do rosto” (PIÑON, 2008, p. 29). O véu se molda aos contornos do rosto grudando na pele, revestindo, dessa forma, a fisionomia feminina com uma espécie de segunda epiderme disposta socialmente. Mascaradas com a “epiderme social”, as mulheres poderiam ou, em outros termos, estavam prontas para o convívio com o masculino.

Diante dessa discussão a respeito do véu como vestimenta que padroniza as feições femininas, pontuamos que apesar dessa violência, as mulheres encontraram um meio de transgredir e utilizar essa imposição ao seu favor: é o que ocorre com a protagonista Scherezade que se equivale dessa imposição para beneficiar-se, ausentando do seu corpo e trazendo à tona, ou seja, dando vida a seus personagens durante a narrativa que fabula para o Califa.

Ela se utiliza do véu para mascarar as suas feições e avivar no imaginário do soberano que são os seus personagens que estão ali a contar as suas próprias histórias. A respeito dessa transgressão de Scherezade, Silva e Silva (2019) discorrem que:

Ela se vale desse acessório como um instrumento que potencializará a sua performance erótica diante do Califa, mas também como uma espécie de artifício, visto que, ao criar uma série de personagens e interpretá-los diante do magnânimo de Bagdá, ela esconderia, por trás do véu, uma multiplicidade de rostos, que vem à tona no momento em que ela performatiza cada uma daquelas narrativas que apresenta ao monarca (SILVA; SILVA, 2019, p. 189)

Mediante passagens da narrativa, verificamos que além de utilizar a imposição do véu como meio de dar vida aos seus personagens, Scherezade quebra os protocolos que tendem a homogeneizar os rostos, já que durante as suas performances narrativas ela multiplica esses rostos e os oculta “por trás do véu”. Scherezade, o tempo todo, se dissocia dos ditames sociais conferidos à mulher árabe, ela sempre busca meios de romper com as amarras, não se deixando dominar por completo.

À vista disso, na narrativa podemos perceber como a violência simbólica vai se instituindo nos comportamentos sociais femininos: nas vestimentas, nos gestos, na efervescência religiosa e; como o desvio desses princípios confere à mulher um papel indigno. Sempre, como já dito anteriormente, direcionando sua existência para um outro.

Sobre as relações entre consciência dominadora e dominada, Bourdieu (2012) afirma que para que haja uma espécie de ruptura é necessário que ocorra “uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar [...] o próprio ponto de vista dos dominantes” (BOURDIEU, 2012, p. 54). Em outras palavras, é necessário que os dominados tomem conhecimento da sua própria condição de dominado e que, além disso, haja um remodelamento nas estruturas sociais que estabelecem os elos de dominação.

Diante dessa afirmativa descrita por Bourdieu (2012) surge uma indagação: como os dominados irão tomar ciência da sua condição de dominado já que para que isso aconteça é necessário que os próprios dominantes, responsáveis pelas vigas estruturais da sociedade, proponham/permitam que ocorram essas mudanças? Já que os dominantes controlam as tendências de dominação, não será tarefa fácil conseguir meios que rompam ou que ao menos abalem a sustentação cômoda para o dominador.

Na narrativa nelidiana, visualizamos algumas cenas em que Scherezade ainda que sem a permissão do soberano, consegue, de certo modo, romper não totalmente, mas abala a sustentação do Califa, principalmente quando ela o envolve em suas histórias:

Após a vinda da jovem para o palácio, o Califa indispusera-se com a corte, só poupando o Vizir de críticas em consideração à sua devoção ao reino. [...] a qualquer hora do dia, mesmo em uma audiência, indiferente às circunstâncias externas, cerrar os olhos, no afã de surpreender a nau de Simbad, sob a procela, estrelar-se contra as rocas. [...]. Sob a dupla custódia do feitiço de Scherezade e da cruel rainha, o Califa distrai-se, como já estivesse, após abandonar o Vizir, a caminho dos aposentos (PIÑON, 2008, p. 172)

O Califa se envolve tanto com as histórias de Scherezade que não consegue ficar muito tempo sem ouvi-las. Isso cria uma espécie de dependência/necessidade que modifica o seu comportamento antes inabalável. Ademais, em outros momentos da narrativa, o soberano tenta em seu imaginário fabular histórias assim como a contadora e, da mesma maneira que ela “o Califa distrai-se, parece ausentar-se do palácio. É difícil seguir-lhe a rota. Tem asas, que Scherezade lhe fornece. Custa a desprender-se dos lugares a que vai de visita sob o estímulo da imaginação da jovem, que lhe dá lições diárias” (PIÑON, 2008, p. 204). Dessa forma, Scherezade consegue abalar a estrutura fixada do magnânimo de Bagdá.

Além dessas implicações, Bourdieu (2012) também vai discutir a respeito da mulher ser tida como um *ser-percebido*, e isso vai de encontro ao fato da existência da mulher ser sempre direcionada a um outro. Um *ser-percebido* no sentido de que toda a sua conduta, a sua imagem, a sua identidade, o seu corpo, sempre vai estar sobre mira do olhar do outro, ela é

sempre percebida pelo outro. E isso “tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica” (BOURDIEU, 2012, p. 82).

Então, o fato da mulher sempre ser objeto do olhar, a torna refém de uma imagem que corresponda ao esperado de uma mulher: uma imagem “feminina”, ou seja, ela deve representar ou figurar o *ideal feminino* estabelecido pela sociedade e para a sociedade.

3.4. O Sexismo e a cultura árabe presente na narrativa de *Vozes do deserto*

Conforme Santos (2016), na civilização grega, as mulheres não participavam da política, possuíam papéis secundários e, por isso, precisavam da tutela masculina. Assim, o casamento para os gregos era um ato de extrema importância, já que ele garantia um *status* à figura feminina.

Ainda conforme Santos (2016) “o casamento era uma instituição fundamental para aquela sociedade, uma vez que garantia a descendência legítima, a cidadania dos filhos e a manutenção da propriedade” (SANTOS, 2016, p. 02). A mulher grega tinha uma função social e o casamento também se configurava como uma ação política.

Trazendo esse contexto para as sociedades ocidentais, lançamos a seguinte pergunta: houve alguma mudança quanto às práticas de valoração social relacionadas à figura feminina? Percebemos que as mesmas práticas ainda se perpetuam no decurso do tempo, claro que hoje há um questionamento maior acerca desses costumes, porém, o casamento para nossa estrutura patriarcal ainda continua sendo um meio de ascensão da mulher, tornando-se um “sujeito social” a partir do momento em que sua imagem está relacionada a um indivíduo masculino.

Uma mulher bem sucedida para a nossa sociedade não é apenas aquela que assume altos cargos que naturalmente são destinados aos homens, mas aquela que além de estar em um nível superior, em relação ao seu cargo profissional, também conseguiu fazer um excelente casamento ou, em uma frase mais costumeira, é bem casada. Essas questões não surgem de agora, desde sempre se perpetuou essa mentalidade em torno do casamento como uma forma de ascensão, de engrandecimento da mulher.

Na narrativa de *Vozes do deserto*, por exemplo, o casamento em vez de oferecer a mulher esse *status* de prestígio, acaba atribuindo a ela um destino funesto: a morte. É interessante esse contraponto porque ele nos leva por um outro caminho, e assim podemos pensar no casamento não como uma forma de elevação da mulher, mas sim como um meio de

imposição, já que as esposas eram escolhidas pelo Califa e não tinham o direito de recusa. Portanto o casamento se configurava como o fim, a morte para essas mulheres.

No texto literário, as mulheres são desposadas pelo personagem Califa, em seguida, ocorrem, à noite, as núpcias do casal e, quando o dia amanhece elas são mandadas para o cadafalso, para serem mortas pelo verdugo.

A morte dessas esposas está potencializada no ódio que o Califa sente pelas mulheres, com isso, ele as pune através de um decreto que consiste em desposar e mandar para o cadafalso a mulher vinculada a cada noite. Depois da traição da rainha, a Sultana, o soberano resolveu expressar seu ódio pela figura feminina e garantir que sua vingança fosse realizada a contento.

O ódio que o Califa sente pelas mulheres é um sentimento que tem respaldos nos dizeres dos profetas e dos poetas, ambos veem a mulher como um ser traiçoeiro, impuro, ardiloso. É um ódio, de certa forma, compartilhado por toda classe de homens de prestígio para aquela sociedade: os profetas diziam que “após deter-se longamente à porta do inferno, Maomé constatara que a maioria dos que ali ingressavam era constituída de mulheres. Insinuando, assim, ser a fêmea mais propícia ao pecado” (PIÑON, 2008, p. 27). Diante dessa transcrição do texto literário, visualizamos como recaí à figura feminina o perfil de pecadora, de culpada, sempre sendo conotada pelos meios mais pejorativos.

A mentalidade do homem árabe a respeito da mulher como uma figura “pecadora” tem firmamento no próprio papel social desempenhado por tais sujeitos dentro daquela cultura, ou seja, sabemos que a mulher árabe é uma figura que vive estritamente sob uma conduta de total submissão, subalterna ao homem, ao Estado, a religião e, tudo isso ancorado na visão de inferioridade que a mulher ocupa no contexto social.

Assim, diante de sua posição como um ser inferior, ela é tida como um ser imperfeito e dessa forma mais propício ao pecado, diferentemente do homem que ocupa uma categoria de superioridade atribuindo-lhe um papel de perfeição.

Então, tanto a sociedade árabe quanto a estrutura social ocidental se encontram vinculadas a uma mentalidade sexista acerca do sexo/gênero feminino. O sexismo é aqui entendido conforme Smigay (2002) como expressão correlata de violência, “uma posição, ou uma postura misógina, de desprezo pelo sexo oposto [...]. Sexismo é uma atitude de discriminação em relação às mulheres” (SMIGAY, 2002, p. 34).

Vale ressaltarmos que o sexismo se tratando de uma posição, como bem destaca Smigay (2002), pode conferir tanto ao homem quanto a mulher a posição de vítima dessa mentalidade, já que “o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre gêneros”

(SMIGAY, 2002, p. 34). Assim, o sexismo não é algo que se aplica exclusivamente às mulheres, os homens também podem ser vítimas dessa mentalidade discriminatória.

Porém, na análise aqui realizada trabalhamos com o sexismo direcionado para a figura feminina, portanto, abordaremos o desprezo, a discriminação dos homens em relação às mulheres, baseado em uma mentalidade de superioridade daqueles em relação a essas.

Trazendo esse contexto para dentro da narrativa de *Vozes do deserto*, encontramos essa mentalidade sexista presente na imagem do Califa. Como sinalizado anteriormente, esse personagem carrega um ódio imensurável sobre a figura feminina, mais especificamente sobre sua primeira esposa, assim, ele lança o decreto como forma de punir todas as mulheres pelo erro cometido por ela.

O Califa enquanto soberano de Bagdá goza de uma posição superior, e, essa superioridade, em contraponto com o contexto de submissão da mulher árabe, fomenta a discussão a respeito da mentalidade sexista, ou seja, na conjuntura árabe os sujeitos sociais mais valorados são os homens, justamente por eles representarem a categoria hierárquica/superior daquela cultura e, as mulheres taxadas ao papel de subalternas/inferiores, por serem vistas como seres menores, sem grande importância para a esfera pública.

Então, os papéis sociais que os sujeitos representam nessa cultura dão suporte para que uma série de violências sejam efetivadas contra as mulheres. As categorias superior/inferior estão prescritas na estrutura dessa sociedade, os perfis, os comportamentos, já estão moldados e estabelecidos, e isso tudo dá ensejo para que a discriminação com o sexo oposto, inferiorizado venha a acontecer. Ainda com relação às noções sexistas, Smigay (2002) discorre que o sexismo:

Inscrito numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social. (SMIGAY, 2002, p. 34)

Em outras palavras, há no sexismo uma mentalidade machista que categoriza a mulher como um ser inferior e a coloca em uma esfera privada - as mulheres têm seus espaços reduzidos ao ambiente doméstico, são as únicas responsáveis pelas tarefas, pelo cuidado dos filhos, enquanto os homens têm livre acesso aos espaços públicos.

Na perspectiva dessa mentalidade, a mulher é tida como um objeto que está a serviço de uma figura superior, o homem. Desse modo, ela deve seguir um padrão de comportamento que está de acordo com o pensamento sexista.

Então, todas essas nuances são encontradas no texto literário aqui analisado: a mulher seguindo um comportamento padrão que lhe foi estabelecido, enquanto o homem é postulado a uma categoria hierárquica. Um exemplo disso é um trecho curioso da narrativa que aborda a imagem do homem como a própria imagem da justiça “pelas paredes dos aposentos, onde se projeta a balança da justiça, alastram-se dizeres advertindo-a do perigo que corre. Mas antes mesmo que o anjo da morte a leve, Scherezade começa uma nova história” (PIÑON, 2008, p. 288). Essa transcrição da narrativa é bastante singular para este estudo, pois a balança da justiça que é projetada na parede pode ser entendida como a própria sombra do soberano que perambula pelos corredores do palácio. Assim, a imagem da balança alude ao Califa, por ser ele quem tem o poder de decidir se Scherezade viverá ou não mais um dia.

Em uma outra passagem da narrativa, podemos observar como a imagem do homem é sobreposta a figura de um deus:

A noite sempre dera início aos tormentos de Scherezade. O embate travado entre a noite e o dia, ambos com exaltada carga de contradições, imolava os seres. Sobretudo aqueles que, ousando eleger o homem como figura central do universo, dispensavam a noção do bem e a existência de um deus (PIÑON, 2008, p. 287)

Nesse contexto árabe, o homem é tido como a própria imagem da justiça e, para além disso, é visto como a “figura central do universo”, dotada de sabedoria e soberania. Consoante a essas questões, Eliane Campello (2019), sobre a obra *Vozes do deserto*, em especial a respeito do monarca, disserta que “a imagem do Califa lembra a figura de um Deus, pois ele tem o poder de vida e de morte” (CAMPELLO, 2019, p. 214). Durante a narrativa vemos, claramente, a aproximação feita entre o Califa e uma figura endeusada, pois nos sofrimentos diários vivenciados pela protagonista Scherezade, quando confrontada com a possibilidade de morte, ele é o único capaz de aliviar esses tormentos.

Ademais, para finalizarmos essa discussão, retomamos os conceitos de virilidade masculina e passividade feminina como concepções que vêm a somar características atribuídas pelo conjunto social a esses seres. A imposição do véu que normatiza os rostos, o comportamento pré-estabelecido, tudo isso se configura ao sexismo, a essa mentalidade machista que eleva o homem a um grau de majestade e que diminui a mulher e os espaços que ela ocupa.

Dessa forma, afirmamos, com base na discussão feita até aqui, que na cultura árabe presente na narrativa de *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon - há uma mentalidade que confere ao homem um *status* de superioridade, e isso acaba ocasionando no desprezo, no ódio pela mulher, por ser esta considerada inferior, dando ao homem o “direito” de tratá-la da forma

que o convir. Acorados nessa ideia de inferioridade, a mulher árabe é submissa a esse sistema, porém, a protagonista Scherezade é um exemplo de mulher transgressora, já que, sutilmente, ela desvincula-se dessas amarras sociais e trama contra o maior representante de superioridade presente em Bagdá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Chega-se ao fim do nosso estudo, no qual percorremos um longo caminho a fim de analisar a obra *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon, sob o viés da dominação masculina proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012). E como a mulher, representada na figura da contadora de histórias Scherezade, em meio a esse cenário de completa dominação, mostra-se uma figura transgressora ao burlar esse sistema autoritário.

Nosso intuito primordial era analisar como a ideia de supremacia masculina se materializa na obra literária em questão. Assim, primeiramente miramos na figura do personagem Califa - sendo ele o representante do poder patriarcal do mundo árabe, especificamente da cidade de Bagdá, poderia nos fornecer informações a despeito da funcionalidade do sistema institucionalizante predominante nessa sociedade. Dessa forma, foi possível elucidarmos as mais variadas formas de representação da dominação através desse personagem.

Para isso, elencamos três pontos centrais nos quais se evidencia, com maior nitidez, a autoridade representada pelo Califa: o primeiro deles observado no controle do Califa enquanto sujeito dominante mediante a sua condição estatal; o segundo ponto diante da dominação do Califa para com todos os indivíduos que compunham o califado; e o último no domínio matrimonial. Diante desses três pontos pudemos compreender como a dominação se caracterizava em cada uma dessas instâncias, sempre nos fundamentando em Bourdieu (2012), no que concerne a dominação e as suas formas.

Por conseguinte, nos foi possível compreender que a diferença sexual, como postula Bourdieu, acaba interferindo nas distribuições dos espaços sociais que os sujeitos devem ocupar; restringindo os espaços para as mulheres, já que socialmente foi acordado que elas deveriam ocupar os espaços privados, e ampliando os espaços públicos para o masculino, já que a eles conferem o gerenciamento social.

Em contrapartida com esses questionamentos, a Scherezade nelidiana constitui-se como uma figura transgressora, já que se utiliza do seu dom de narrar, da palavra, para se livrar das amarras sociais que a prende a um ambiente hostil e ameaçador. Conforme Boso (2011) a Scherezade de Nélida “percorre as veredas do feminismo, narra e apresenta um universo que particulariza e, ao mesmo tempo, pluraliza as mulheres de todos os tempos e lugares, tornando-as libertas das interdições impostas ao destino feminino [...]” (BOSO, 2011, P. 70-71).

A voz da protagonista é plural, construída a partir de mil outras vozes: clamores vindos do deserto, sob as figuras dos nômades beduínos, das escravas trazidas à força para servirem aos grandes sultões. A voz também é a arma e o escudo de Scherezade durante o seu embate contra a tirania do Califa, pois “é por intermédio do poder da palavra que a personagem Scherezade sonha libertar o reino do maldito decreto que aterroriza toda uma classe marginalizada, desprezada e desfavorecida” (BOSO, 2011, p. 101). E assim ela o faz.

Ademais, as discussões aqui apresentadas sobre *A dominação masculina* como tema presente na nossa sociedade ocidental se fazem imprescindíveis, visto que como consequência dessa dominação desenfreada surge inúmeros casos de feminicídio, principalmente no Brasil, onde ocupa o 5º lugar no ranking mundial de feminicídio, conforme os dados apontados pelo ACNUDH (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos)⁷.

Portanto, faz-se necessário a existência de inúmeras outras Scherezades nelidiana, que se constituam como mulher-sujeito; corajosa; ousada - que enfrenta e se liberta das amarras patriarcais, representadas no poder social conferido aos homens sobre as mulheres.

⁷ Veja mais em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm?cmpid=copiaecola>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Volver à vulva: o olhar de uma feminista sobre algumas representações da genitália feminina nas artes visuais.** Cartema, [s. l], n. 8, p. 97-111, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Maria Helena Kühner.

BOSO, E.A.S. **Mulheres em transgressão: a visibilidade da voz feminina em Vozes do deserto de Nélida Piñon.** Dissertação (Mestre em Letras - Literatura e Vida Social) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2011.

CAMPELLO, Eliane. **A metáfora de resistência em Vozes do deserto, de Nélida Piñon.** Interdisciplinar, São Cristóvão, v. 32, p. 213-226, jul/dez, 2019.

COELHO, Andreza Martins. **A (re)construção do corpo de Scherezade em Vozes do deserto de Nélida Piñon.** Niterói, 2018. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense.

GOMES, Carlos Magno. **A performance pós-moderna de Nélida Piñon contra o feminicídio em Vozes do deserto.** Cadernos Pagu [online]. 2018, n. 53 [Acessado 25 Outubro 2022], e185311. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201800530011>>.

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer da. **Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positiva.** Revista Mosaico. 2019 Jul/Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 82-88.

PIÑON, Nélida. **Vozes do deserto.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. 317 p.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. **A mulher na Magna Grécia: um objeto de valor.** Revista Classica, [s. l], v. 29, n. 1, p. 29-48, jul. 2006.

SMIGAY, Karin Ellen Von. **Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002.

SILVA, Maria do Socorro Souza; SILVA, Roniê Rodrigues da. **Representações da filosofia Deleuze-Guattariana no romance nelidiano.** Eutomia, Recife, p. 296-314, set. 2019.

SILVA, Maria do Socorro Souza; SILVA, Roniê Rodrigues da. Os véus de Scherezade: um estudo à luz da rostidade Deleuze-Guattariana. *In*: CARDOSO, S. Marques; ALMEIDA DINIZ, A. M. Carneiro; RIBEIRO, W. W. De Freitas; MOURA, F. R. de Almeida. **Literaturas de língua portuguesa: perspectivas**. São Paulo: Mentis Abertas. 2019.

SILVA, Maria do Socorro Souza; SILVA, Roniê Rodrigues da. **Scherezade, viajante do pensamento nômade**: uma leitura do romance Vozes do deserto sob a ótica da filosofia contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Sinafro, Pau dos Ferros, 2018.